

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

CRUZ, Allan. *Alan Cruz (depoimento, 1999)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1999. 57 p. dat.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC/FGV e FUNDAÇÃO CSN. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**ALAN CRUZ**  
**(depoimento, 1999)**

## *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

sumário: Cinthia Monteiro de Araujo

conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias

copidesque: Verena Alberti

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Volta Redonda - RJ - Brasil

data: 08/02/1999

duração: 3h

fitas cassete: 03

páginas: 57

Entrevista realizada no contexto do projeto "Pioneiros e Construtores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)", na vigência de convênio entre o CPDOC-FGV e a Fundação CSN. Esta entrevista subsidiou a elaboração do livro "CSN um sonho feito de aço e ousadia" (Rio de Janeiro, Fundação CSN & Fundação Getulio Vargas, Iarte), de autoria de Regina da Luz Moreira.

A escolha do entrevistado justificou-se pelo fato de ter sido presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda entre 1951 e 1953.

A parte final desta entrevista foi gravada simultaneamente em vídeo.

temas: Allan Cruz, Associações de Trabalhadores, Companhia Siderúrgica Nacional, Consolidação Das Leis do Trabalho, Indústria Siderúrgica, Legislação Trabalhista, Partido Trabalhista Brasileiro, Segurança do Trabalho, Sindicatos de Trabalhadores, Volta Redonda

## Sumário

*Entrevista:* 08.02.1999

Origens familiares; primeiros estudos; breves comentários sobre a apresentação do entrevistado como voluntário na Segunda Guerra Mundial; ida para Volta Redonda em 1942: carta enviada ao presidente Getúlio Vargas, a viagem de trem, primeiras impressões da cidade; observações sobre o funcionamento do armazém central mantido pela companhia; rápida comparação entre os trabalhadores mineiros e nordestinos que iam para Volta Redonda; a repercussão das notícias sobre a construção da CSN em Minas Gerais; rápidos comentários sobre o exame médico de admissão na companhia; trabalho no escritório do alto-forno: o controle do horário de trabalho dos funcionários, observações sobre o salário recebido, o horário de trabalho do entrevistado; comentários sobre a vida em Volta Redonda: o lazer, a manutenção da ordem, o envio de dinheiro para família; explicações sobre categorias de funcionários: os horistas e o pessoal do escritório; trabalho no departamento de transporte: comentários sobre o combustível utilizado pelos veículos da companhia, as promoções do entrevistado, o controle sobre o trabalho dos funcionários; trabalho como inspetor metalúrgico: pedido de transferência, especificidade da nova função, o despertar para a questão social do trabalho; comentários sobre ausência de reflexão sobre o papel da siderurgia no Brasil; breve histórico do sindicato dos metalúrgicos de Barra Mansa; observações sobre a filiação do entrevistado ao sindicato; menção à atuação de comunistas no sindicato; comentário sobre a intervenção no sindicato na década de 1940; eleição do entrevistado para presidência do sindicato em 1951: referência a composição da chapa, a impugnação das eleições, a dificuldade para tomar posse; as reivindicações do sindicato: regulamentação da hora noturna, relato de uma reunião no Ministério do Trabalho, menção ao acordo firmado com a companhia, o caráter das reivindicações defendidas pelo sindicato; as relações político-partidárias do entrevistado: o desejo de filiar-se ao PTB, ligações com Paranhos de Oliveira e Celso Peçanha, o encontro com o presidente Getúlio Vargas; relato da viagem feita a Inglaterra em 1951: o convite do governo inglês, visita a uma mina de carvão, o prolongamento da viagem para outros países da Europa, comentários sobre as condições de trabalho e de vida na Inglaterra; observações sobre a rede de ensino de Volta Redonda entre as décadas de 1940 e 1950; comentários sobre a aplicação dos recursos do sindicato; rápida avaliação da atuação do entrevistado na direção do sindicato; relato da visita do presidente Getúlio Vargas a Volta Redonda em 1953; considerações sobre a participação dos funcionários da CSN no movimento sindical; os refeitórios da usina; novos comentários sobre a viagem feita a Inglaterra em 1951; breve menção à atuação de Sávio Gama na prefeitura de Volta Redonda; comentários sobre acidentes de trabalho e equipamentos de segurança; comentários sobre a família: o trabalho do pai em Volta Redonda, trabalho e doença da esposa; como corretor de imóveis; comentários sobre o jornal A Defesa; referência à amizade com Ernani do Amaral Peixoto; referência às reuniões no centro de espiritismo do entrevistado; rápidos comentários sobre os filhos; nomeação para tabelião em 1951 e o trabalho no cartório; relato de uma reunião com Sávio Gama, onde se discutia a ameaça de impeachment sofrida pelo prefeito de Volta Redonda; a repercussão da morte de Getúlio Vargas em Volta Redonda; considerações sobre a importância de Vargas na criação da CSN; rápidos comentários sobre o general Raulino e o general Edmundo de Macedo Soares e Silva; considerações sobre o caráter das reivindicações consideradas justas pelo entrevistado: o princípio da igualdade citado na Bíblia, a defesa do direito, opinião sobre a Consolidação das Leis Trabalhistas; comentários sobre o pagamento da girafa; a importância da CSN na vida do entrevistado e a importância da CSN para o Brasil.

*Entrevista:* 08.02.1999

I.F.- Sr. Allan, nós estamos aqui, com um prazer enorme, para escutar a sua história, a sua vinda e a sua vida aqui em Volta Redonda e na CSN. Gostaria que o senhor primeiro dissesse seu nome completo: é Allan Cruz?

A.C.- Allan Cruz.

I.F.- O senhor já nos disse que nasceu em... Ubá?

A.C.- Não. Sapé de Ubá. Era um distrito que pertencia a Ubá. Hoje chama-se Guidoal, já é uma cidade.

I.F.- Já é um município então?

A.C.- Já é município.

V.A.- Quando o senhor nasceu?

A.C.- 13 de maio de 1923.

I.F.- Dia da libertação dos escravos!

A.C.- É.

I.F.- Seus pais eram mineiros também?

A.C.- Sim, todos os dois: Argemiro Cruz e Marieta Siqueira Cruz.

I.F.- Família grande, muitos irmãos?

A.C.- Não, eu e um irmão.

I.F.- Só os dois?

A.C.- Só dois.

I.F.- E o senhor fez os primeiros estudos lá?

A.C.- Lá.

I.F.- Colégio público, com professora, com é que era?

A.C.- É, era tudo público lá. Lugar pequeno não tinha onde se expandir.

I.F.- E o senhor estudou lá até que ano?

A.C.- Eu fiz lá a primeira série, que é até o quarto ano, não é isso? O quarto ano hoje lá é o equivalente a aqui o ginásio, não é?

V.A.- Então o senhor fez o primário, seria, não é?

A.C.- É, o primário.

I.F.- Não chegou a fazer o ginásio então, não?

A.C.- Não.

V.A.- O pai do senhor fazia o quê?

A.C.- Meu pai lá era barbeiro. Eu também lá fui barbeiro.

I.F.- O senhor então começou a trabalhar cedo.

A.C.- Comecei a trabalhar aos dez anos de idade, não como barbeiro, mas serviços pequenos que se fazia lá, compreendeu? Vender laranjas na rua, essas coisas, que nós éramos família... Não era família rica, então tínhamos que trabalhar, e eu trabalhava.

V.A.- E a mãe do senhor trabalhava em casa, então?

A.C.- Minha mãe, em casa.

V.A.- E o irmão do senhor é mais novo ou mais velho?

A.C.- Mais novo. Esse já faleceu, esse faleceu aqui.

V.A.- Em Volta Redonda?

A.C.- Em Volta Redonda.

I.F.- E o senhor disse que pensou, em 1941...

A.C.- Em 42. Em 41 eu me apresentei...

I.F.- Foi se alistar?

A.C.- Não, eu me apresentei mesmo lá em Juiz de Fora, no 12° RI, porque eu queria ir para a guerra.

I.F.- Mas o senhor queria ir para guerra por quê? O senhor estava entusiasmado?

A.C.- Eu lia muito... Naquela ocasião era o *Correio da Manhã*. Nessa ocasião eu já estava empregado em uma loja de tecidos e lia muito o *Correio da Manhã*, e eu era fã, compreendeu, dos aliados. Então acompanhava aquela guerra, aqueles navios, aqueles ataques, aquelas coisas todas que aconteciam. Conhecía o nome de navio, daquelas coisas todas, do *Graf von Spee*, daqueles ataques, aquilo tudo eu conhecia. E entusiasmado para ir também para lá. E aí fui, pedi, minha mãe não queria mas eu insisti, ela chorou um pouco...

V.A.- O senhor tinha que idade?

A.C.- Estava fazendo 18 anos, e só podia com autorização dos pais.

V.A.- Mesmo com 18 anos?

A.C.- Só. Porque naquela ocasião era sorteio.

V.A.- Sorteio?

A.C.- É, sorteio. Então como não era sorteado — sorteado era com 21 — eu me apresentei.

V.A.- Ah, está certo.

A.C.- Naquela ocasião era diferente. Então eu pelejei e minha mãe acabou... meu pai assinando, autorizando eu a me apresentar, e me apresentei em Juiz de Fora. Fiquei sete dias aguardando, com o dinheirinho que eu tinha fiquei em uma pensão lá aguardando ser chamado. Sete dias, o dinheiro acabou, não me chamaram, tive que voltar para casa. [riso] Voltei e aí minha mãe escreveu para a minha tia que estava aqui em Volta Redonda, que tinha conseguido um emprego para o marido dela com o presidente Vargas. Eles escreveram para o presidente Vargas, o presidente Vargas mandou que se apresentassem aqui.

V.A.- Como foi isso? Eles conheciam o presidente ou escreveram assim...

A.C.- Não. O presidente Vargas era uma criatura muito conhecida, demais, não é? — e como uma criatura muito boa. Então eles escreveram e ele respondeu e mandou que se apresentasse aqui.

I.F.- Estavam precisando de muita gente aqui, não é? Havia necessidade de mão-de-obra.

A.C.- Estava. Mas, de qualquer maneira, eles não tinham aqueles conhecimentos assim para fazer isso.

V.A.- O seu tio já tinha trabalhado em siderúrgica em Minas?

A.C.- Não, não. Ele veio para aqui para escritório, não é?

V.A.- Como era o nome dele?

A.C.- José Gumercindo Cruz. Então eu vim para a casa deles.

I.F.- Espera aí. Agora uma curiosidade minha. O senhor é Allan Cruz.

A.C.- Sim.

I.F.- É coincidência? Porque ele era marido de uma tia sua.

A.C.- Mas não são parentes, não. [riso]

I.F.- Foi coincidência então.

A.C.- Coincidência, mas não são parentes, não.[riso] Parente assim, casado com a minha tia, não é?

I.F.- É.

A.C.- Mas parentes, não. Então eu vim. E aí cheguei, eles arranjaram um emprego. Não tinha assim escritório, não tinha nada, mas eu precisava trabalhar, então me arranjaram um emprego como servente mesmo e eu me apresentei no alto-forno, foi para onde eu fui indicado.

I.F.- Então o alto-forno ainda começando a construção?

A.C.- O alto-forno estava na fundação.

V.A.- O senhor se lembra em que dia o senhor chegou aqui em Volta Redonda?

A.C.- Ah, do dia eu não me lembro, não.

V.A.- Mas o ano? Foi em...?

A.C.- Ah, foi em março. Março de 42.

V.A.- O senhor veio para cá como? De trem?

A.C.- Ah, vim... Era o trem da Leopoldina. De segunda, claro, não tinha dinheiro! [riso] Vim, fazia a baldeação perto de Juiz de Fora... Vinha de Ubá – tomava o trem em Ubá –, vinha até Furtado de Campos, fazia uma baldeação ali e, de lá, vinha até Barra do Piraí. De Barra do Piraí é que nós vínhamos direto para Volta Redonda.

V.A.- Lá fazia outra baldeação?

A.C.- É, fazia outra baldeação e vinha para Volta Redonda.

V.A.- E como era a cidade quando o senhor chegou? Qual foi a impressão que o senhor teve? Chegou em março de 42.

A.C.- Aqui não tinha cidade. [riso]

V.A.- Não tinha nada?

A.C.- Não. Aqui só tinha, vamos dizer assim...

I.F.- Era um canteiro de obras?

A.C.- No local que a gente chegava tinha umas casinhas aqui, compreendeu? Perto da estação tinha umas quatro ou cinco casas. Pegava uma estradinha e ia para apresentar no acampamento central, que era todo de madeira, as casas eram de madeira. Acampamento central. Do lado, tudo, eram as máquinas fazendo terraplanagem, e laranjal. Tudo isso era laranjal mesmo, a senhora andava no meio do laranjal para todo o lado, e aqueles caminhões correndo, aquelas máquinas grandes que faziam terraplanagem, aquela poeira.... [riso] E fui lá para o acampamento central na casa dos meus tios.

I.F.- Esse acampamento central eram várias casas?

A.C.- Lá era. Lá deveria ter, mais ou menos, umas cem, cento e poucas casas. Mas ligadas — casas de madeira todas ligadas. Eram casinhas pequenas, mas todas de madeira.

I.F.- Sei. Quer dizer, o senhor veio e ficou hospedado lá.

A.C.- Fiquei hospedado lá.

I.F.- E essa parte de alimentação, como era?

A.C.- Lá na casa dos meus tios eu tinha alimentação.

I.F.- Mas eu digo: eles compravam onde, tinha armazém?

A.C.- Ah, tinha! Tinha o armazém central, chamava-se armazém central, também lá perto, era todo de madeira; era da Siderúrgica, a Siderúrgica é que fazia aquela manutenção — se comprava lá. Eles forneciam vales aos empregados e os empregados compravam lá com vales. Eles na ocasião também trabalhavam, recebiam por quinzena.

V.A.- O tio do senhor?

A.C.- É, recebia por quinzena. Então tinha o escritório, a parte de contabilidade, que olhava as horas trabalhadas e fornecia os vales para comprar no refeitório.

V.A.- De acordo com as horas trabalhadas?

A.C.- É, as horas trabalhadas. Então essa é a forma como se comprava.

V.A.- Para comprar no armazém?

A.C.- É, no armazém da Siderúrgica. Então essa era a forma que se fazia, comprava na base do vale.

V.A.- E salário, depois tinha? Ou todo o dinheiro ia para o vale?

A.C.- Não. Depende do gasto da família, não é?

V.A.- Sei.

A.C.- Depende do gasto da família, tinha uns que ficavam devendo — tirava mais do que tinha, aí, quando chegava no fim do mês, ele recebia o chamado cheque amarelo. Esse não tinha, estava devendo: ele comprou mais do que tinha. Então chamava-se cheque amarelo. Isso foi muitos anos.

I.F.- Estive pensando e gostaria de conversar com o senhor sobre isso. Em termos de Brasil da época, isso aqui era uma atração... dava trabalho para muita gente que estava em situação pior.

A.C.- Sim, dava. Aquilo chegava, o chamado trem... Está me faltando agora a palavra exata... Trem dos baianos.

V.A.- Trem dos baianos?



A.C.- Trem dos baianos. [riso] Aí chegavam os baianos, aí vinha papagaio, vinha aquela confusão toda dentro daqueles trens, despejava na estação, aquela coisa assim — o chamado trem dos baianos. Passava aí o trem dos baianos. E os caminhões que iam buscar gente em Minas, não é? Que tinha o caminhão que saía daqui — depois é que eu fiquei tomando conhecimento disso — buscando em Minas, recrutando, vamos dizer, trabalhadores para Volta Redonda. Os baianos vinham, mas voltavam. Ficavam aqui um ano, um ano e pouco e iam embora; os mineiros, não.

I.F.- Por que isso? Os baianos voltavam?

A.C.- O nortista sempre volta para a terra dele. A maioria dos nortistas volta para a terra. Tanto que, se eles ficassem aqui, teria muito mais baiano aqui, nortista...

I.F.- É, porque aqui só tem mineiro!

A.C.- Porque os mineiros... Eles tinham um apelido aqui que era arigó, nós somos arigó. Eu ainda, quando me perguntam, digo: “Eu sou arigó, nada além de arigó, compreendeu? [riso] Porque o arigó é uma ave de arribação, ela não pára, ela vive de ponto em ponto — por causa dos nordestinos que voltaram, eles vinham e voltavam, não é? Mas os mineiros, não. Tanto que todos os nossos parentes que vieram ficaram.

V.A.- Então o senhor não é mais arigó.

A.C.- Sou, ué!

V.A.- Porque o senhor não foi e voltou O senhor ficou...[risos]

A.C.- Pois é. Mas é o apelido que... [riso]. Então, quando a pessoa vê que é o mais baixo, que se dizia, é arigó. Então a gente se considera como arigó.

I.F.- Pois é, mas a atração de Volta Redonda era porque as condições das outras cidades eram tão ruins que Volta Redonda...

A.C.- Sim. O salário aqui era bom relativamente, naquela época, aos outros lugares, porque, como eu estou dizendo à senhora, Minas não tinha emprego. Tanto é que eu me ofereci até para ir para o Exército. Quer dizer, a dificuldade de empregos, não é isso? Então as dificuldades eram muito grandes.

V.A.- O senhor disse que acompanhou pelo jornal o desenrolar da guerra. O senhor também acompanhou pelo jornal a criação da Companhia Siderúrgica Nacional? Como que em Minas as pessoas souberam da CSN?

A.C.- Havia o rádio também, não é? O rádio também. A guerra... Por causa do acordo que foi feito com os Estados Unidos para ser instalada a Siderúrgica, aquilo tudo foi divulgado, não é isso?

V.A.- E o senhor acompanhava isso?

A.C.- Acompanhamos tudo isso, pelo rádio e televisão, não é? Ó, televisão... Rádio e televisão, não. Rádio e jornal. Nem imaginava-se em televisão naquela época. [riso]

V.A.- E quando o senhor ainda estava em Ubá, o senhor ouvia dizer o quê de Volta Redonda?

A.C.- Que seria uma grande siderúrgica, que daria trabalho e salários muito bons. Então a atração pelo salário, não é isso? Então havia os caminhões, eu não vim nessa parte, mas os caminhões que corriam outras partes de Minas oferecendo emprego, os desempregados iam entrando no caminhão e vinham embora.

I.F.- E de todo nível de instrução?

A.C.- Tudo. Vinha gente de todo lugar.

I.F.- E a saúde desse pessoal que vinha nesses caminhões?

A.C.- Tinha um hospital, também de madeira, perto lá do acampamento central, inclusive um dos diretores no começo era também de Ubá, dr. Murilo César. Tem até um filho dele aí. Murilo César — também veio de Ubá. Tanto que quando eu fui ser examinado aqui, eu tinha um problema, foi ele quem me examinou. Porque eu tinha uma hérnia e aqui fazia exame, ainda mais para o lado que eu ia, então, os exames eram rigorosos.

I.F.- Chegava aqui, tinha o exame médico para saber se...

A.C.- Ah, tinha! Tinha! Tinha exame médico.

V.A.- Todo mundo passava pelo exame médico?

A.C.- Todo mundo. Todo mundo passava pelo exame médico. Mas Deus ajudou e passei sem eles perceberem.

V.A.- Ah, eles não viram que o senhor tinha hérnia?

A.C.- Não viram. Eles não viram, porque tinha aquela forma de soprar, não é? Eu fiz que soprei. [riso] E não soprei.

I.F.- Se soprasse a hérnia estourava?

A.C.- Aparecia. [riso]. Aparecia lá, e eles... Então agradei a Deus porque passei no exame médico. Uns eram recusados, mas eu consegui passar.

I.F.- É, porque é uma coisa que impressionava muito, uma cidade no começo, chegando gente do todos os lugares, podia ter problema de tuberculose, de doenças contagiosas.

A.C.- É, examinavam. Passaram todos pelo exame.

I.F.- E existia casos de perceberem que tinham doenças e aí devolviam as pessoas?

A.C.- Essa parte eu não posso dizer bem à senhora, porque eu passei naquela ocasião, passei só por ali. Mas faziam os exames, não é? Examinavam a pessoa, isso eu tenho certeza, porque eu passei pelo exame, não é? Quanto aos casos, eu não posso servir porque ali a gente não tinha contato assim, mas deveria, não é? Pelos médicos que estavam, era um corpo médico bom.

I.F.- Todos funcionários da companhia?

A.C.- Todos funcionários da Siderúrgica, trabalhavam no hospital.

I.F.- Era ainda o hospital provisório.

A.C.- Era o hospital provisório, era de madeira.

I.F.- E aí o senhor passou no exame de saúde, foi mandado para lá e aí o senhor se apresentou?

V.A.- O senhor foi trabalhar como servente?

A.C.- Servente. Fui fichado como servente, fui fichado como servente.

V.A.- No alto-forno?

A.C.- No alto-forno. Lá no escritório do alto-forno. Quer dizer, ia para o alto-forno, trabalhar lá, mas o Joaquim Bias dos Santos fez a experiência comigo quando eu cheguei lá, olhou para mim, perguntou de onde eu era, ele também era de Minas... Tem essa vantagem. [riso] Eu também era de Minas, ele virou para o outro lá e falou: “Vamos ver se esse mineiro sabe atender telefone?” — aquele telefone de manivela. E eu pensei: “Meu Deus, como é que eu vou fazer isso, não sei nada daquilo...” “Liga, roda aquilo lá e telefona. A telefonista vai atender e você vai pedir para ligar para o telefone tal.” Eu fiz, deu certo, eu falei: “Seu Joaquim, está atendendo aqui.” Aliás chamavam ele de Bias, seu Bias. Ele pegou e disse: “Ele sabe!” [riso]

V.A.- Ele era o que o senhor Joaquim?

A.C.- Ele era o chefe do posto. Ele era o apontador chefe ali. Que em cada local tinha o apontador para tomar conta daquela coisa. Naquela ocasião trabalhavam no alto-forno oitocentos e poucos homens.

V.A.- Nossa! Muita gente.

A.C.- Oitocentos e poucos homens, é pedreiro... é carpinteiro... Naquela ocasião tinha mais carpinteiro e armador, que estavam armando aquela ferragem, aquelas coisas todas, e nós depois tínhamos que tomar nota de todo mundo que estava trabalhando durante o dia. Recebia os cartões, depois tinha...

V.A.- Cartão de ponto?

A.C.- Cartão de ponto, é. Só que não batia, não é?

V.A.- Não tinha máquina.

A.C.- Não. Não tinha relógio.

V.A.- Era na mão.

A.C.- Era na mão.

V.A.- Como é que era?

A.C.- Então a pessoa pegava o cartão, a gente punha a hora de entrada dele: ele chegava, entregava o cartão, a gente recebia o cartão... Seis horas da manhã eu estava lá, era obrigado a estar. Então começavam a chegar, iam entregando os cartões e eu recebendo os cartões, anotava a hora que chegou. Na hora do almoço eles recebiam os cartões de volta. Depois voltavam e, de tarde, tornavam a entregar os cartões. Nós já colocávamos quantas horas eles tinham feito ali para o serviço de ponto fazer aquela parte. De quinze em quinze dias faziam aquela parte deles, então sabiam quantas horas eles tinham produzido em quinze dias. Tinha o serão... fazia-se muito serão. Naquela ocasião o salário era... vamos dizer... Eu acho que era um mil réis por hora, não sei bem se era mil réis ou se era cruzeiro — agora eu não estou lembrando. Eu acho que era um mil réis por hora, ou 240, o salário mínimo — 240. Por exemplo: eu ganhava lá em Sapé de Ubá — nessa ocasião eu estava empregado lá — 60. Vim para cá para ganhar 240. É bastante, não é? [riso]

V.A.- O senhor fazia o quê, em Sapé de Ubá?

A.C.- Lá, nessa ocasião, eu estava trabalhando em uma loja de tecidos. Lá eu ganhava 60 por mês, aqui, 240 — há uma diferença. E poderia fazer horas extras, e é o que eu fazia. Então trabalhava todo o dia, geralmente, até meia-noite.

V.A.- Aí o senhor já pegava o outro turno...

I.F.- Mas espera aí. Não estou entendendo. Se ainda estava na hora da construção, trabalhava de noite também?

A.C.- Não as 24 horas, mas até meia-noite podia trabalhar.

I.F.- Na construção mesmo?

A.C.- Na construção.

I.F.- E o escritório funcionava também nesse horário?

A.C.- O apontador, sim. O apontador, não os outros, porque o alto-forno precisava, tinha um prazo para ser inaugurado, não é? Então aquilo era corrido até meia-noite assim — trabalhava porque precisava trabalhar.

I.F.- Porque essa questão de turnos mesmo...

A.C.- Não, turno foi depois que a usina...

I.F.- Só depois de a usina começar a funcionar.

A.C.- É, aí foram 24 horas.

I.F.- ...Começava às seis horas da manhã e ia até meia-noite?

A.C.- Tinha dia, nem todos os dias, não é? Porque aquilo depende do trabalho que eles estavam fazendo, que eles tinham que realizar. As máquinas, geralmente as *tourna-pull*, aquilo trabalhava quase...

I.F.- O quê?

A.C.- *Tourna-pull*. É uma máquina grande que tira terra e carrega de uma vez e despeja lá, uma máquina comprida.

V.A.- Tipo uma escavadeira, como se fosse uma escavadeira.

A.C.- É, só que ela é diferente, não é? A senhora deve ter visto, uma máquina enorme!

V.A.- Chama como?

A.C.- Antigamente, eu não sei se o nome hoje... *torn pool*. É. Ela mesmo escavava a terra, carregava e aterrava lá na frente. Então aquela parte do laranjal, elas tiravam a terra de lá para aterrar. Porque isso aqui tudo era brejo.

I.F.- Por isso que se chama Aterrado aqui?

A.C.- É. E aquela parte onde tinha também a parte da Siderúrgica, tudo ali era baixo, não é isso? Então eles fizeram, levantaram e fizeram o aterro. Então grande parte ali foi aterrada. Aqui também foi, porque aqui, onde nós estamos, era a olaria — mas não da Siderúrgica, essa aqui já era particular. Então isso aqui era tudo cheio de buraco, só de lagoa, porque eles iam tirando a terra para fazer o tijolo.

I.F.- O senhor veio para cá em busca de emprego.

A.C.- Sim.

I.F.- Conseguiu emprego ganhando bem mais do que estaria ganhando lá em Minas?

A.C.- Sim.

I.F.- E como o senhor sentia a vida aqui? Porque a vida aqui era só trabalho, trabalho, trabalho.

A.C.- Nós aqui... o objetivo era dinheiro, [riso] o objetivo era dinheiro. Porque nós não tínhamos diversões, não tinha nada aqui. Barra Mansa é a cidade mais perto, tinha um cinema. Para ir a esse cinema em Barra Mansa... Aqui tinha um ônibus que saía de hora em hora para Barra Mansa, a estrada era de terra, então fazia filas assim aos sábados, no dia em que a gente podia..., fazia fila de quinhentas, seiscentas, mil pessoas. Um ônibus! [riso] Muita briga! Então muita briga dava na fila porque um cortava a fila, já sabia que era uma briga. Então tinha um termo aí: “Vão soltar a cobra!” Já sabia que era uma briga, por causa da parte da guerra lá, não é?

V.A.- A cobra vai fumar.

A.C.- A cobra vai fumar. Soltaram a cobra! Já sabia que era uma briga que estava ali, briga dava muito, não é? E tinha a guarda da Siderúrgica, que eles chamavam os cabeças-de-tomate.

I.F.- Eles usavam um boné vermelho, não é isso?

A.C.- Não, é um capacete mesmo. É um capacete amarelo. E era uma briga quando gritavam: “É cabeça-de-tomate”, [riso] Porque eles tinham uma raiva tremenda.

I.F.- Mas por que tomate, se o capacete era amarelo?

A.C.- Puseram o apelido e ficou. [riso] E eles ficavam muito brabos e brigavam.

V.A.- Quem? Os cabeças-de-tomate?

A.C.- Os cabeças-de-tomate.

I.F.- E esses cabeças-de-tomate eram da própria CSN?

A.C.- Esses eram da própria Siderúrgica.

I.F.- Eram comandados por quem?

A.C.- Se eu não me engano, era o coronel... faltando o nome dele aqui, mas dentro de um pouco o nome volta, compreendeu? Era um coronel também mineiro, também veio de Minas, compreendeu? E muito rigoroso.

I.F.- Não tinha um chamado Baía?

A.C.- Baía, não estou lembrando assim, não. Baía, eu não estou lembrando.

I.F.- Dessa questão aí eu queria saber mais. Porque dizem que teve muita necessidade, vamos dizer assim, de um... Não tinha o capitão Magalhães também?

A.C.- Capitão Magalhães era o chefe do DPE. Tinha uma mão ainda com um defeito porque, pelo que me disseram, ele era instrutor no Exército e foi fazer uma demonstração com uma granada e a granada arrebentou na mão dele. Ele tinha um defeito, então eles chamavam... Também puseram um apelido nele por causa da mão. [riso] Agora, era uma criatura *muito* boa, muito bom, *direito*. Ele era rigoroso, era, mas muito direito.

I.F.- Porque havia uma necessidade muito grande de controle aqui, para manter a ordem, não é? Por causa de problema de muita gente, falta de diversão, problema de bebida...

A.C.- Mas bebida também não tinha, porque não tinha lugar onde comprar bebida. *Aqui não tinha nada!*

V.A.- Não tinha um botequim, não tinha algum...?

A.C.- Nada! Não tinha coisa nenhuma.

V.A.- Para comprar... para tomar cachaça?

A.C.- Nada. [riso] Aqui era difícil, não tinha nada, não. O negócio aqui era difícil, entendeu? Então depois que eu passei para o... aí eu fui para os alojamentos, tinha os alojamentos de solteiro, não é?

V.A.- Depois que o senhor então foi para o...

A.C.- Entrei para a Siderúrgica, aí eu fui morar no alojamento.

V.A.- Saiu da casa da sua tia?

A.C.- É. Porque na casa da minha tia tinha uma porção de filhos, a casa era pequena, não é?

V.A.- O senhor tinha muitos primos.

A.C.- Muitos. E eles recebiam. De lá, quem quisesse vir para cá, conhecido deles, eles abrigavam. Nunca vi uma casa assim.

V.A.- E os primos também trabalhavam na Siderúrgica?

A.C.- Todos trabalhando na Siderúrgica.

V.A.- Aí o senhor foi para o alojamento?

A.C.- No alojamento fiquei em frente ao chamado núcleo 100. O núcleo 100 era o da polícia. Então no núcleo 100, o pessoal que eles prendiam, levavam para lá, para um lugar que eles tinham ali.

I.F.- E prendiam por quê? Se não tinha bebida, não tinha... por que que eles eram presos?

A.C.- É briga, é uma porção de coisas. Tinha briga. Briga eram muitas, muito homem junto, não é? Briga dava-se muito. Prendiam, levavam para perto de onde eu estava morando. Durante o dia eles punham um monte de tijolo aqui, então aqueles guardas ficavam ali, você pegava o tijolo aqui e carregava para lá. Quando terminava aqui, carregava para lá, o dia inteiro.

I.F.- Para cansar mesmo.

A.C.- O dia inteiro. Então aquilo a gente via: aquele pessoal o dia inteiro dali para cá, compreendeu? E isso era feito com a guarda. Batiam, a gente ouvia à noite, às vezes, bater — quer dizer, ouvia grito. Foi duro, não foi fácil também, não.

I.F.- Porque conseguir administrar esse monte de gente aqui dentro, com um regime rígido de trabalho, com prazo determinado, devia ser muito complicado, não é?

A.C.- Sim. A dificuldade... Todos trabalhavam, e todos que vieram para cá precisavam de trabalhar e queriam trabalhar, porque uns tinham que mandar dinheiro para casa — os casados tinham que mandar dinheiro para casa... Então tinha uma agência do correio, aquela agência também ficava cheia, porque a forma de mandar dinheiro para lá era naqueles envelopes, não é? Punha o dinheiro lá, ia no correio e mandava o dinheiro através daqueles envelopes. Então, também nos dias de pagamento aquilo lá ficava cheio, aquela agência do correio, para mandar dinheiro para casa. Tanto que... Eu às vezes me emociono. Recordar... Então, na primeira quinzena em que eu recebi, por causa de horas extras eu recebi acho que 170. Então eu peguei cem e mandei para casa. [emoção] Isso... todos faziam, a maioria fazia isso — quer dizer, trabalhava... para mandar. Então aqueles que tinham deixado família... Eu, apenas pais, não é?

V.A.- Sua mãe era viva?

A.C.- Minha mãe, viva.

V.A.- Eu entendi o senhor falar: “Eu apenas tinha pai.”

A.C.- Pais. [riso] Tinha pais. Então mandava. A minha mãe morou aqui, veio, já morou aqui nessa casa. Os meus pais faleceram aqui, o meu irmão também faleceu aqui, não é? Então, graças a Deus, tudo certo. Essa foi a vida que se foi fazendo. Depois eu vim para trabalhar nos transportes, do transporte... Ah, e tinha outra coisa...

[FINAL DA FITA 1-A]

V.A.- O senhor estava falando sobre os horistas...

A.C.- Os horistas e o pessoal do escritório, que se chamava PE.

V.A.- PE, pessoal do escritório.

A.C.- Pessoal do escritório, PE. Os horistas eram os chapinhas.

V.A.- Chapinhas?

A.C.- É. Nós recebíamos uma chapa com um número. A minha era a 4.111.

I.F.- O senhor era horista então?

A.C.- É, horista. Era os chapinhas, horistas, então chamados arigó. Nós não tínhamos o direito de andar nos ônibus. Tinha os ônibus da Siderúrgica que faziam o transporte interno e, para os horistas era caminhão.

V.A.- Qual a diferença do trabalho dos horistas e do PE?

A.C.- Os horistas eram carpinteiros, era pedreiro, compreendeu? Era essa parte, eram os horistas. O pessoal lá do escritório era o que trabalhava no escritório, então esses eram os PEs, esses recebiam por mês.

V.A.- Mas o senhor disse que o senhor trabalhou no escritório do alto-forno.

A.C.- Não, mas como horista.

V.A.- Mas o senhor não era carpinteiro.

A.C.- Não.

V.A.- O senhor fazia o quê?

A.C.- Servente. Eu trabalhei como servente.

V.A.- O senhor servia cafezinho...[inaudível]?

A.C.- É. Cafezinho, aquele negócio, atendia telefone, aquelas coisas todas. E depois recebia os cartões... Quer dizer, lá eu trabalhei, depois vim para o escritório do departamento de transportes, onde o meu tio trabalhava. Ali eles me puseram também para ser auxiliar de escritório, mas tinha



um problema: tinha uma prova a ser feita lá no escritório central, com o capitão Magalhães. Então vim para cá. Aí...

V.A.- Como era essa prova?

A.C.- Essa prova era essa parte, vamos dizer, matemática — juros, frações, essa parte assim — e redação — uma carta, uma redação. Eram coisas assim mais ou menos.

V.A.- O senhor fez então essa prova?

A.C.- Não, vim para cá mas ainda não... Fiquei como servente, ainda no escritório como servente. Tinha lá um engenheiro também muito bom, era o dr. Heitor Correia, que era o chefe do departamento do transporte, e tinha o chefe da parte de contabilidade que era o seu Paulo de Carvalho. Me puseram lá. Então eu estava ali. Depois começaram a me dar serviço para eu tomar conta de uma bomba de gasolina, porque naquela ocasião da guerra não havia gasolina, a gasolina era racionada. Então tinha que tomar aquilo, fazer...

I.F.- E esses ônibus e os caminhões eram com gasolina?

A.C.- A gasolina.

I.F.- Só automóvel que usava gasogênio?

A.C.- Não, tinha caminhões também a gasogênio. A Siderúrgica também tinha... Se eu não me engano, ela não teve ônibus a gasogênio, mas os caminhões, tinha muitos caminhões a gasogênio.

I.F.- E esse departamento de transporte tratava dos transportes, dos caminhões, só aqui de Volta Redonda, só internos, ou dos que iam para outras cidades também?

A.C.- Não, da Siderúrgica, tudo da Siderúrgica. Tudo o que era da Siderúrgica pertencia a ele, era o engenheiro que era o chefe disso. Interessante: ele andava de bicicleta, ele não usava carro da Siderúrgica. Dr. Correia não usava carro da Siderúrgica. Ele morava na Vila e já tinham começado aquelas primeiras casas naquela rua 33. Foram as primeiras casas, ele morava ali. Então ele vinha de bicicleta de lá, era um homem de uma honestidade fora de série. Aí ele pediu, que queria me classificar — eu e um outro, éramos os dois, ele queria classificar. E o outro falou: “Mas não tem vaga.” Ele falou: “Eu preciso.” E o abaixo lá do capitão Magalhães era o doutor... um outro lá, e ele falou: “Não, eu quero.” “Mas ele é servente, como é...?” “Eu estou passando para aí uma carta, eu preciso.” E foi a carta para lá, ele me indicou, a mim e a um outro, para ir lá fazer a prova. Bom, aí o apontador também falou: “É, o dr. Correia quer vocês dois.” Aí nós fomos para lá fazer a prova. Fiz a prova lá, o outro também fez, nós voltamos para o escritório. No outro dia chegou lá o apontador nosso: “Olha, meus parabéns, seu PE está aqui: 509.” [riso]

I.F.- O senhor então deixou de ser chapinha para ser PE.

A.C.- Para PE. [riso] De 4.111 para 509, que era o PE. Então fui para PE. Aí já fui para quinhentos por mês. Quem estava com 240 foi para quinhentos.

I.F.- Dobrou, não é? Mais do dobro.

A.C.- É.

I.F.- Foi uma senhora promoção!

A.C.- É. [risos] Então muitos anos eu fiquei trabalhando ali.

V.A.- Deixa eu voltar um pouquinho. Como é que o senhor saiu do alto-forno e foi para o departamento de transporte?

A.C.- Porque havia as transferências. A gente podia pedir transferência se os chefes aceitassem. Um deixava e o outro aceitava, então a senhora podia fazer essas transferências de um lugar para o outro. Então fiquei trabalhando aí já como PE, e tinha o chefe da seção da contabilidade, chamava-se Arruda.

Esse é um nortista. Um dia, não sei por quê, arranhou uma briga lá dentro da sala, e brigaram toda vida lá, e foi destituído. Aí o Paulo de Carvalho me chamou: “Ô, Allan, você que vai ser o chefe.” “Seu Paulo, não faça isso, não. Chefia!” A turma não era boa não, viu? [riso] A turma não era boa de trabalho, não.

V.A.- Para chefiar era difícil.

A.C.- Pois é. Então tinha trezentos de gratificação, dava 60%.

V.A.- Já foi para oitocentos?

A.C.- Fui para oitocentos. Fiquei seis meses, depois de seis meses cheguei: “Seu Paulo, não quero ficar mais, não.” “Mas, seu Allan, o senhor vai deixar?” Eu falei: “Olha, com essa turma que está aqui, não vale a pena, não. Eu não vou brigar com eles mas eles não querem trabalhar.” Eles eram do Rio, a turma que estava no escritório era tudo do Rio, pessoas do Rio. Iam para Barra Mansa, bebiam, brigavam... Era uma encrenca! Chegava na segunda feira estava aquela confusão dentro do escritório...

I.F.- Era tudo trabalho burocrático?

A.C.- É, tudo trabalho... Um dormindo, outro falando sobre futebol, e trabalho nenhum. Eu falei: “Não. Não quero de jeito nenhum. Perco os trezentos mas não vou perder a minha paciência.” [riso] Aí saí daquilo. Aí, logo depois, a usina começou a funcionar, foi funcionando...

I.F.- E o senhor aí deixou o cargo de...

A.C.- E voltei a ser funcionário normal.

I.F.- No mesmo lugar.

A.C.- No mesmo local. Cada um tinha seu serviço e não tinha problema nenhum, o meu eu punha em dia, estava em dia, não tinha problema. Mas tinha pessoa que deixava o serviço dele atrasar seis meses! Uns boletins que tinham que ser diários mas que ficavam atrasados seis meses.

I.F.- E não tinha aqui uma caderneta onde as pessoas anotavam toda a vida do funcionário, se ele entrou, se ele saiu, se era bom, se não era bom, o que fazia, o que não fazia...? Me falaram que tinha uma caderneta que controlava a vida do funcionário toda.

A.C.- Não, eu não conheci essa caderneta. Estou mostrando à senhora onde eu convivi, não sei se outro departamento poderia... Tinha a ficha, que quem fazia a ficha e dava a informação era o chefe, não é isso? Ele fazia para as promoções — talvez eles tenham feito uma confusão — no final do ano, quando iam pedir promoções, compreendeu? Então o chefe fazia um relatório sobre os funcionários dele e enviava pedindo... Que às vezes a pessoa recebia promoções, mesmo carpinteiro, aumentando salário, aquelas coisas — eles faziam um relatório, um quadro, vamos dizer assim. Quer dizer, a gente batia à máquina, às vezes um quadro, e ali colocava pedindo aumento ou pedindo punição. Havia muita punição.

I.F.- Suspendiam as pessoas?

A.C.- Ah, suspensões, havia isso. Demissões também havia, isso aí... Então essa parte não há dúvidas, a senhora entendeu? Isso aí acontecia. Mas eu fiquei no transporte, aí mudaram os chefes, e a usina começou a trabalhar. Aí a idéia é de...

I.F.- Em 46?

A.C.- É. A idéia era de ir para a usina fazer turno. Porque o entusiasmo da gente é olhar... Dizia: “Ah, trabalhar oito horas e ficar o resto folgado... Pode trabalhar de noite” Sempre foi a idéia. Eu resolvi ir para a usina. [riso] Mas o chefe nessa ocasião era um militar, o tenente Aduato. O tenente Aduato é que era o chefe, e eu fui arranjar no DPI, Departamento de Inspeção de Produtos Metalúrgicos... Fui lá e consegui arranjar a vaga: eles me aceitavam para ser inspetor metalúrgico. Falei com o engenheiro Costa Lima e falei com o engenheiro Andrade, todos os dois me aceitavam. Aí eu vim pedir a transferência. O tenente Aduato disse que não me dava a transferência de jeito nenhum. Eu falei: “Mas eu quero.” “Mas não dá. O tenente disse e você não vai falar mais com ele não, porque ele já disse que não dá e eu não quero amolação com ele não.” — era o Cota, que era secretário dele lá. “Você não vai mais amolar ele, não.” “É, mas eu vou. Não vou a ele, não.” Pedi uma entrevista com o engenheiro Paulo Martins — por isso é que eu falo no engenheiro Paulo Martins. Fui lá, marcou lá dia tal para eu falar com ele. Aí já fiz uma carta, fui também levando uma carta para o engenheiro Paulo Martins, explicando a ele que eu desejava trabalhar na Siderúrgica, era lá naquela parte, desejava me especializar, que era o meu ideal, enfim, era aquela informação. Já levei a carta pronta, batida. Ele me atendeu — uma mesa grande, ele estava despachando lá: “O senhor pode falar.” Eu falei e ele falou: “Ué! Eu posso fazer sim, posso te dar, sim.” Eu falei: “Olha, o tenente não quer me dar, mas eu tenho um ideal de trabalhar lá na usina, é o ideal meu e ele está me cortando isso, é onde eu posso progredir. Se ele não quer deixar é porque eu não sou ruim, senão já tinha me mandado embora. Eu sou um bom funcionário, então ele está me tolhendo.” “Não, eu te dou.” Ele disse: “Faz uma carta.” Eu falei: “Já trouxe.” [risos] “Já trouxe.” Ele pegou e chamou lá o Aníbal, que era o secretário dele. “Aníbal, toma essa carta aqui, pode despachar e manda para o DPE fazer a transferência. Autorizo.” [riso] Bom, eu saí feliz da vida. Aí vim para o transporte. Chegou lá, daí a pouco chegou lá a carta, no outro dia eu fui chamado ao DPE, lá onde trabalhava o capitão Magalhães — já não era mais o capitão Magalhães, ali já estava o Doutor Fátala, que substituiu o outro. Mas ele avisou ao tenente Aduato e falou: “Allan, que negócio é esse? Você vai ao diretor pedir isso? E o tenente disse que não te dá isso.” Eu falei: “Bom. Ele pode não dar, mas o dr. Paulo Martins diz que dá.” “Não. Você não vai para lá, não, você vai para outro lugar, vou te mandar para outro lugar.” Eu falei: “Doutor, mas eu arranjei lá e aquele é o lugar que eu quero.” “Não. Você vai para o escritório também, vai ser secretário lá do departamento de trilhos.” Eu falei: “Mas eu não quero ser secretário coisa nenhuma, de escritório eu já estou farto.” “Não. Você vai para lá, vai se apresentar lá.” “Vou, me apresentar, vou.” Fui. Cheguei lá estava o engenheiro, fui falar com ele. Estava saindo o secretário lá, e ele tinha uma vozinha fininha... Está me faltando o nome, depois vem. Então eu falei com ele: “Doutor...” “Ô, Allan, você pode fazer

isso e aquilo...” — tinha uma vozinha fininha. E eu falei: “Doutor, mas eu não quero trabalhar em escritório.” “Ué! Você não quer trabalhar com escritório? ” “Não.” “Então por que você veio para cá?” Eu falei: “Eu vim forçado, estão mandando, eu não quero isso aqui, não.” “Ah, então não me serve de jeito nenhum, pode voltar.” [risos] Lá vou eu de volta. [risos] Cheguei lá, o dr. Fátala, que era advogado, olhou para mim e disse: “Você está me criando muito caso, você vai ficar no transporte.” Eu falei: “Eu vou voltar no dr. Paulo Martins e vou dizer que o senhor não vai deixar.” Chamou o Geraldo, era o outro: “Geraldo! Manda o Allan para onde ele quiser. Não me amole mais e não me apareça aqui.” [risos]

I.F.- E lá se foi o senhor, então, para a usina.

A.C.- Lá fui eu para a usina. [riso] Fui lá e me apresentei. Aí me deram lá um micrômetro, me ensinaram como medir chapa, aquele negócio todo, e fui eu lá para o departamento de chapa, aqueles negócios. Fiquei lá mexendo com aquilo, depois...

V.A.- Por que o senhor tinha esse ideal de trabalhar na usina?

A.C.- Porque a idéia é o seguinte: o que vinha trabalhar na usina ia ganhar muito mais. O problema é o salário, o problema é salário. O ideal era salário, porque aqui eles iam ganhar muito mais do que o do escritório.

V.A.- Porque é mais especializado, no escritório pode ser qualquer um, mas na siderúrgica...

A.C.- É. Lá, aquela parte era especializada, ainda mais inspetor metalúrgico, não é?

I.F.- Pois é. E o senhor aprendeu a mexer com aquilo como? Porque era diferente o trabalho burocrático de escritório do trabalho com esses aparelhos que o senhor falou.

A.C.- Mas é... Tudo, quando a senhora quer, aprende com facilidade, viu? Não há nada que a senhora não consiga aprender quando a senhora quer, não é? Diz que querer é poder. Então eu fui para lá, eu sei que dentro e pouco eu dominava aquela parte toda.

I.F.- Mas então tinha gente ensinando, a seu lado ensinando?

A.C.- Ah, tinha! Não, mas aquilo é muito fácil! Aquilo era duas horas mais ou menos... Era a senhora olhar a chapa, a espessura da chapa... A primeira coisa era a espessura da chapa: com aquele micrômetro, a senhora punha tantos milímetros, a senhora só fazia aquilo. A senhora sabia se o laminador estava saindo fora. Então a senhora avisava, compreendeu? Essas coisas assim. Era fácil.

I.F.- Aí já era a usina trabalhando 24 horas por dia?

A.C.- Aí já eram oito horas, quer dizer, oito horas fazendo aquelas 24 horas. Eram os turnos, turnos de oito horas. Então aí eu corri diversos departamentos, depois me chamaram para o escritório.

V.A.- De novo?

A.C.- Lá para o escritório, para fazer os boletins de qualidade. Então faziam-se os boletins de qualidade para mandar para o americano. O americano é quem examinava se estava perdendo muito material, se estava-se havendo muito erro, então se faziam aquelas coisas de qualidade. Todo dia

tinha que fazer, compreendeu? — a porcentagem que perdia, de sucata e de chapa de primeira, de segunda, aquela parte toda. Então eu passei a fazer isso. Depois voltei outra vez lá para a outra parte.

V.A.- Qual outra parte?

A.C.- Fui lá para mexer outra vez com os instrumentos, na chamada, naquela ocasião, esteira volante. Ia cortando assim e ia empilhando as chapas lá. Então lá a minha vida mudou. Um dia, pendurando a minha bolsa de alimento em uma coisa assim, eu olhei, tinha um sujeito sentado em um canto, com uma marmita assim, um pedacinho de angu — esse angu que fica meio amarelo quando fica fora — e o sujeito comendo aquilo ali. No outro dia eu fui fazer a mesma coisa — colocar... —, ele estava sentado no mesmo lugar comendo um pedacinho de angu. Aquilo me chamou a atenção. Uns três dias eu vi aquilo, aí eu passei a fazer amizade com ele — era um servente que trabalhava na tesoura. Uns dias depois — eu levava café, pão, biscoito, aquelas coisas, eu ainda era solteiro —, eu peguei e comecei a dar o café, vi que ele tomava aquele café, aquele pedacinho de biscoito ou qualquer coisa e eu perguntei: “Fulano, você gosta tanto de angu, por quê? Porque eu só vejo você comer angu.” “Seu Allan, eu tenho sete filhos. Se eu trouxer o feijão, meus filhos ficam sem ele, eu só posso comer isso, eu ganho o menor salário.” Aquilo me doeu. Dali para a frente eu resolvi ir para o sindicato. O sindicato estava sob intervenção — era o Pimenta — e só fazia o que a Siderúrgica mandava. Então o sindicato não tinha sócio, não tinha nada.

I.F.- Antes disso o senhor já tinha notícia do sindicato, acompanhava, ou nunca...

A.C.- Não, o sindicato eu conhecia, porque eu era sócio, não é?

I.F.- Ah, pois é. Como é que o senhor entrou no sindicato?

A.C.- Eu entrei no sindicato em Barra Mansa, o sindicato era em Barra Mansa.

I.F.- Ainda quando era aquela associação? Em 41?

A.C.- Não, já tinha o sindicato, era em Barra Mansa, compreendeu? O sindicato aqui funcionou em Barra Mansa. Era sindicato de Barra Mansa e dessa região aqui toda. Era o Frizzas. Antes era o Frizzas, depois houve a intervenção, a Siderúrgica pôs intervenção aí, tiraram o Frizzas. Mas eu vim do sindicato de Barra Mansa.

V.A.- Deixa eu só voltar um pouquinho, antes dessa história do sindicato, que eu acho que é um capítulo muito importante da vida do senhor. Eu queria perguntar voltando ao início, quando o senhor veio para Volta Redonda. Na época, quando o Brasil estava em guerra, dizia-se que Volta Redonda era um esforço de guerra.

A.C.- É.

V.A.- E que a pessoa que estava aqui, se ela saísse, ela seria considerada desertora.

A.C.- Desertora.

V.A.- Como era isso?

A.C.- Se dizia isso. Eu não posso lhe garantir caso nenhum porque eu não assisti a caso nenhum de prisão dessa parte. Aqui diziam o seguinte: “Se saísse era desertor.” Nós éramos como em regime de guerra, éramos como militares, isso era o que se falava, mas eu não tenho esses dados assim para... Eu só posso falar aquilo que eu vi e percebi. Falava-se isto.

V.A.- E a importância da Siderúrgica nessa época? Porque era o primeiro investimento nacional para fazer a Companhia Siderúrgica. O senhor debatia a respeito disso, de fazer a Siderúrgica Nacional, parar de importar o ferro, ou isso não passava, essas discussões sobre a primeira siderúrgica nacional?

A.C.- Não. Isso aqui não passava assim, não, porque o regime aqui, como vê, era um regime de trabalho, não é? Muito trabalho e não se tinha divulgação de coisa nenhuma, não é? Nós não tínhamos esses contatos assim, então o nosso objetivo era trabalho, não é? Era dormir e trabalhar, essa era a nossa parte. E quando queria ir a um cinema, era ir a Barra Mansa.

V.A.- E enfrentar fila?

A.C.- Às vezes iam para lá e voltavam a pé, porque não tinha ônibus. Porque à meia-noite acabavam os ônibus, então era uma fila de trezentas, quatrocentas, quinhentas pessoas — um ônibus com 30, não é? Ele demorava uma hora para ir e voltar lá. À meia-noite não tinha mais ônibus, então pela linha nós vínhamos a pé. Então esse era um dos problemas que nós tínhamos, essa parte. O resto... Lá em Barra Mansa tinha a outra parte que chamavam de zona, ali é que a turma ia para lá, bebia, brigava, aquelas coisas todas que no outro dia chegavam aqui os problemas de lá. Ou vinha bêbado de lá para cá. [riso] Essa é a parte... Mas quanto a essa discussão, não se discutia isso. Porque, primeiro: o sindicato com intervenção, então não se discute.

I.F.- Essa intervenção foi no tempo do José Pimenta, no governo...

A.C.- É, o Pimenta.

I.F.- No governo Dutra.

A.C.- Não. O Pimenta estava com o Getúlio.

I.F.- Não. O José Pimenta entrou em 46.

V.A.- De 46 a 51.

A.C.- Ah, 51, pois é. 51 foi quando eu fui eleito presidente do sindicato.

V.A.- E aí já foi no segundo governo do Getúlio.

A.C.- É, Getúlio. É isso mesmo, está certo.

I.F.- Agora, antes do José Pimenta teve José Calaça Gomes.

A.C.- Mas esse foi o primeiro PE de Volta Redonda.

I.F.- Conta isso para a gente.

A.C.- [riso] José Calaça... é Calaça Gomes. Esse era um operário especializado, era uma criatura boa, mas esse aí ficou pouca coisa, e não... Esse aí foi bom, esse aí não era de...É que ficou pouco tempo.

V.A.- Porque nós temos aqui que em 43, justo quando o senhor... O senhor veio em março de 42. Então em fevereiro de 43 foi fundada em Barra Mansa a Associação Profissional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Barra Mansa. Aí, no caso, incluía também de Volta Redonda, porque Volta Redonda era distrito de Barra Mansa, não é? Isso em 43, que ainda não era sindicato, era Associação Profissional. E em 45, dois anos depois, houve então a outorga da carta sindical, quer dizer...

A.C.- Com o Frizzas, não é?

V.A.- Frizzas?

A.C.- É, Frizzas foi o presidente. Antônio Frizzas.

V.A.- Porque esse nós não temos o nome dele, Antônio Frizzas. Nós temos os nomes de José Calaça Gomes e depois José Pimenta.

A.C.- Não, José Calaça Gomes foi o da associação.

V.A.- Sim.

A.C.- O do sindicato foi o Frizzas.

V.A.- Ah, olha só: Antônio Frizzas.

A.C.- É, foi o Frizzas.

V.A.- Sei. Aí veio o Frizzas quando então já era o sindicato em 45...

A.C.- É, o Frizas. E era em Barra Mansa ainda.

V.A.- Esse Frizas ele era...?

A.C.- Ele era carpinteiro em Volta Redonda.

V.A.- Carpinteiro?

A.C.- É.

V.A.- Na CSN?

A.C.- É. Ele era carpinteiro em Volta Redonda. Esse é que fundou a carta do sindicato. Com ele, em Barra Mansa, eu me filiei no sindicato.

V.A.- O senhor se filiou nessa época então, com Antônio Frizzas?

A.C.- É, Antônio Frizzas. E ele mudou até a parte de contribuição do sindicato para — naquela ocasião até achavam que era caro — 20. Vamos dizer, 20 mil réis ou 20 reais — vamos dizer assim. Mas dava uma assistência, compreendeu? — médica. Operações, essas coisas todas, poderiam ser feitas no hospital de Vassouras. Inclusive eu fui operado lá.

V.A.- Da hérnia?

A.C.- É.

V.A.- O senhor cuidou da sua hérnia.

A.C.- Ah, cuidei. [risos] Fui operado dr. Hélio, que era o chefe da parte de cirurgia lá em Vassouras, porque foi através do sindicato com o Frizzas. Eu fui me filiar lá em Barra Mansa.

V.A.- E o senhor se filiou por quê? Era voluntário, as pessoas se filiavam porque queriam, não é?

A.C.- Se queriam. Ninguém forçava, ninguém convidava, nada disso.

V.A.- Como o senhor soube do sindicato? Por que o senhor foi se filiar?

A.C.- Eu sempre fui uma pessoa muito curiosa. Quer dizer, quem acompanhou uma guerra através do jornal [riso] já é uma pessoa que está sempre vigilante, não é? Nessa parte, sempre vigilante. Quer dizer, estava sempre na assembléia, houve assembléia com o Frizzas aqui, no escritório central que era de madeira. O Escritório Central era de madeira.

I.F.- Onde era esse escritório central? Eu soube de um incêndio nesse escritório central...

A.C.- É. Uma parte desse escritório central pegou fogo, porque era de madeira, a parte de...

I.F.- A primeira sede do escritório central.

A.C.- Uma parte dela é que queimou, a outra parte, não.

I.F.- Pois é. E onde é que era esse escritório central?

A.C.- Hoje é até difícil de a gente localizar, porque era depois daquele viaduto. Aquele viaduto que entra para a usina, ele era do lado de lá.

I.F.- Foi o primeiro escritório central que teve aqui na CSN?

A.C.- É. Compreendeu?

I.F.- Aquele outro que teve depois, um prédio que tem uma escada na frente, já era um segundo prédio do escritório central?

A.C.- O segundo? O de hoje?

I.F.- Não, não. Depois tinha um escritório central em um prédio lá em uma rua do centro, do comércio.



A.C.- Outro escritório? Teve outra coisa ali, mas... Eles fizeram foi uma adaptação, um a parte, ou um novo... Eles fizeram um novo lá. Fizeram algo novo, aqui foi uma parte. Mas o escritório central principal mesmo foi do lado de lá — ele era baixo, não tinha nada alto, não; era baixo, compreendeu? Foi onde pegou fogo na parte dos projetos, aquelas coisas lá; foi uma correria tremenda para tirar aqueles projetos, aquelas coisas todas lá.

V.A.- Então Antônio Frizzas fez uma reunião nesse escritório central?

A.C.- É.

V.A.- Uma assembléia do sindicato.

A.C.- Uma assembléia para aumento de salário. Foi a primeira vez que houve uma assembléia assim para aumento de salário.

V.A.- O senhor sabe quando foi isso, o senhor se lembra?

A.C.- Ah, essa data eu não sei.

V.A.- O ano, o senhor sabe?

A.C.- Também assim não tenho, não. O ano eu não tenho. Só sei que foi no escritório lá antigo, não é? Que eu fiz parte, quer dizer estive lá assistindo.

V.A.- Aí o senhor já era filiado?

A.C.- Já.

V.A.- Mas eu queria saber como o senhor se filiou. O senhor então chegou lá em Barra Mansa...

A.C.- Ah, fui a Barra Mansa. E tinha alguns aí que, naquela ocasião ainda... Aliás quem fazia muita propaganda eram os comunistas. Os comunistas faziam muita propaganda porque eles tentavam dominar o sindicato. Então a gente sabia, porque eles estavam sempre falando, essa parte aí, eles falavam muito nisso.

V.A.- O senhor tinha colegas, então, comunistas, dentro da usina.

A.C.- Não, aqui dentro da usina a gente ouve falar, porque a gente andava a usina toda — para chegar em um lugar de trabalho, a gente andava no meio. Os caminhões, por exemplo: quem estava em um caminhão sabia de tudo, não é? Porque o pessoal falando, a gente tomava conhecimento de tudo aqui. Eu era bem informado, não há a menor dúvida. Então, quando o Frizzas fez essa parte e passou para 20, muitos saíram do sindicato. E eu não saí, porque eu vi um benefício e utilizei, não é? Utilizei, fui fazer a operação lá e coisa. Então depois, como eu disse, voltei àquela parte de ver o outro passando fome, eu achei que eu devia movimentar o sindicato. Comprei uma Consolidação das Leis do Trabalho...

[FINAL DA FITA 1-B]

V.A.- O senhor disse, então, que quando o senhor viu aquele senhor com a marmita toda hora com o angu, o senhor se preocupou e comprou uma Consolidação das Leis do Trabalho e transformou aquilo em sua bíblia.

A.C.- Em minha bíblia. Aquilo ali eu estudava dia e noite, gravei aquilo tudo, então citava aquilo de cor. [riso] O artigo tal, eles estão deixando o artigo tal, e assim eu fui. Aí comecei a catequizar e a filiar. Aí o sindicato estava aqui já, o Frizzas tinha comprado uma sede em Volta Redonda. Quem comprou a sede aqui foi o Frizzas, Antônio Frizzas, é aquela que tem ali na Amaral Peixoto. Não tem uma sede ali? Pois é. O Frizzas comprou ali o sindicato, financiou... O sindicato, não, o IAPI — naquela ocasião era o IAPI.

V.A.- Financiou?

A.C.- Financiou a sede, compraram, eu acho, por novecentos contos de réis. Acho que naquela época era contos — novecentos contos, se eu não me engano. Comprou...

V.A.- Tem aqui que a transferência para Volta Redonda se deu em 1947, é o ano que nós temos.

A.C.- A data assim eu não sei. Sei que eles compraram a sede, compreendeu? Então fez aqui. Aqui eles acabaram... Quando houve a intervenção aqui, foi o Brasil depois, se eu não me engano. Tem o nome do Brasil por aí?

V.A.- Não...

A.C.- Não? Ele era o secretário, acho que assumiu...

V.A.- Tem o José Pimenta.

A.C.- Ah, o Pimenta foi depois.

V.A.- Esse José Pimenta era o quê? Ele trabalhava na usina?

A.C.- Trabalhava na Siderúrgica, ele era... O Pimenta era o quê, gente? O Pimenta mexia muito é com a parte... Isso aí já é parte da igreja, comunidade... O Pimenta era ligado à igreja.

V.A.- Igreja?

A.C.- É, [inaudível] dos trabalhadores, qualquer coisa assim — eu não sei bem — sobre os trabalhadores. A igreja não tem qualquer coisa sobre os trabalhadores? Eu não recordo bem. Ele era qualquer coisa ligada a essa parte... círculo operário. É, o círculo operário é ligado à igreja, não é isso? Então quando puseram a intervenção, foi ele o indicado para lá.

V.A.- E por que houve essa intervenção?

A.C.- A intervenção, eu não me recordo assim, foi qualquer coisa de briga dentro do sindicato. Não sei bem essa parte, eu não estava muito ligado.

V.A.- Quem escolheu o José Pimenta?

A.C.- Se eu não me engano foi a Siderúrgica.

V.A.- Foi a CSN?

A.C.- Foi.

V.A.- Afastou então o Antônio Frizzas...

A.C.- É.

V.A.- Considerou que ele não servia mais.

A.C.- É. A intervenção vem é do ministério, não é? Não é aqui; a intervenção é feita pelo ministério.

V.A.- E o senhor sabe qual foi a alegação do ministério para que houvesse a intervenção?

A.C.- Não, na ocasião... Nessa parte, eu não participava assim, compreendeu? Assíduo do sindicato, não.

I.F.- Houve uma mudança de governo. Com o Dutra houve uma mudança muito grande em relação aos sindicatos, acabou a era getulista, o PTB...

A.C.- É. E quem estava lá em cima – essa outra parte eu conheço porque depois eu fiquei tomando... — era o Valente, que era o chefe lá dessa parte de sindicatos. E ele pertencia, depois eu fiquei sabendo, ao Clube dos 40 do... do Anauê.

I.F.- Integralismo.

A.C.- Integralistas, não é isso? Então ele fazia parte do Grupo dos 40, era radical contra tudo quanto era coisa de sindicato. E intervenção, eles punham intervenção com uma facilidade fora de série. Então deve ter sido o Valente, que estava lá.

V.A.- O Valente então estava no sindicato?

A.C.- Não! Lá em cima, no ministério. Ele é que tomava conta dessa parte, compreendeu? Todas as eleições sindicais tinham que passar pelo crivo dele, ele dava parecer: se podia, se não podia, se deveria... Intervenção era ele que pedia... e eles faziam. Então deve ter sido... Não posso afirmar nada nessa parte, porque não participei nessa ocasião; só participei dessa parte para a frente, que eu falei que eu comecei a levar sócio para o sindicato. Era o Pimenta o interventor e eu comecei... Aí trabalhamos a eleição. Veio a eleição, eu fui candidato, mas precisava de passar pela polícia social — tinha que tirar um atestado de bons antecedentes lá em... Isso era em Niterói, então eu tive que ir lá para Niterói requerer. Requeri, tirei, o meu estava limpo, ficha limpa. Mas precisava de todos: para poder candidatar, todos tinham que apresentar a folha corrida, esse atestado da folha corrida. Então eu tirei do grupo todo. Ia entrar comigo um que trabalhava justamente no escritório comigo.

V.A.- Qual escritório?

A.C.- Lá no DPE. DPE, não, lá no DPI, lá dentro da usina. Quando estava aproximando, acho que três ou quatro dias, ele virou para mim: “Olha, eu fui convidado para ir para a outra chapa, a chapa

da Siderúrgica, e eu não vou poder fazer parte da sua.” Eu já tinha tirado... fui eu quem tirou de todos. Falei: “Ô, Gentil, como é que eu fico? Minha chapa fica furada.”

V.A.- Como é o nome dele?

A.C.- Gentil. Mas vamos deixar, que ele já faleceu. [riso] Vamos deixar ele para lá. Então eu falei: “Como é que eu vou fazer?” A outra chapa também — saíram umas cinco ou seis chapas — a outra chapa também estava furada. Então diversas chapas ficaram furadas. Eu reuni o grupo e disse: “Nós não vamos poder registrar a não ser que aceitemos um de outra chapa, que tenha a folha corrida dele, e o sujeito, para vir para cá, pede a tesouraria. Mas é preferível dar a tesouraria, não é?” Eles concordaram. Aí eu chamei o Válter Millen. O Válter Millen, que veio de outra chapa, foi presidente depois de mim. Então aceitamos o Válter Millen. Fez-se a primeira eleição, ganhei. Impugnaram, anularam. Segunda: ganhei. Anularam. Terceira: ganhei com maioria absoluta — com quatro chapas eu ganhei por maioria absoluta. Entraram com recurso para anular, alegaram que eu era comunista. [riso] Bom, aí começou a luta dentro do ministério — por isso é que eu conheço bem o ministério: eu ia ao ministério toda a semana para buscar... Passei a conhecer tudo quanto era, vamos dizer, porteiro daquele ministério. O Segadas Viana é que era o ministro. Andei aquilo tudo, voltava, ia e voltava. Um dia em que eu cheguei lá no Valente — por isso é que eu conheço bem o Valente —, ele olhou e disse: “Allan, examinei tudo quanto é documento. Não vi nada que desabonasse você. Uma coisa eu vou te dizer: você é comunista?” Eu falei: “Não fui, não sou e não serei.” Eu falei: “Eu pertença a uma ordem que não aceita comunista. [riso] Eu pertença a uma ordem que não aceita comunista, e eu tenho bastante conhecimento para não ser nunca comunista.” Ele falou: “Então você vai tomar posse.”

V.A.- Qual a ordem a que o senhor pertencia?

A.C.- Maçonaria. Então: “Você vai tomar posse, eu vou despachar agora aqui. Agora, se eu descobrir que você é comunista, ponho intervenção novamente.” Eu falei: “Não tem problema, você não vai pôr, comigo você não vai pôr intervenção.”

V.A.- Mas por que era impugnado sempre, antes?

A.C.- A Siderúrgica mandava. Ela estava lembrando o Dutra aí. Então a parte dos militares fazia tudo quanto era força, a Siderúrgica fazia força para não tomar conta.

V.A.- Que a Siderúrgica tinha a chapa dela...

A.C.- Mandava.

V.A.- E queria que a chapa dela vencesse.

A.C.- Ela queria ficar com intervenção mesmo, o melhor para ela era a intervenção. Porque a chapa dela foi a última colocada, a chapa dela não tinha mesmo expressão, compreendeu? Então, eles queriam era a intervenção, continuar a intervenção. Intervenção não dava dor de cabeça, não tinha reivindicações, não é isso? Então ele mandou, despachou o processo na minha frente: “Vou mandar para Niterói.” — que era o delegado, era o professor Emílio. Fui eu para lá. O professor Emílio examinou, criatura boníssima...

V.A.- Quem era esse professor Emílio?

A.C.- Era o delegado...

V.A.- Do Trabalho?

A.C.- Do Trabalho do estado do Rio. Eu não sei o nome dele todo, eu sei que é professor Emílio. Fui lá, falei com ele, ele foi e virou assim: “Allan, em que dia que você quer tomar posse?” Eu falei: “Ah, 1º de maio.” “Vai tomar posse no dia 1º de maio. Vou mandar um ofício, você vai levar lá para o fiscal do Trabalho em Barra Mansa.” E me deu a carta para me dar posse no dia 1º de maio. O homem morava lá em Barra Mansa, lá na Saudade — um bairro, Saudade —, fui para lá. [inaudível] charutão. “Ah, só se você mandar um carro me buscar.” Eu não tinha dinheiro para coisa nenhuma. [riso] “Só se você mandar um carro me buscar.” Eu falei: “Eu vou ver.” Aí parti, vim, eu pensei: como é que nós vamos fazer? O motorista de praça olhou para mim, Tião — eu chamava de Tião —, e disse: “Seu Allan, eu vou buscar, isso não é problema, não! O senhor pagando ou não pagando, paga depois, eu vou buscar.” Então eu disse: “Está bom, então nós vamos buscar o Batista.” Aí eu e ele fomos lá, pegamos o Batista. Aí fomos lá para a casa do Pimenta, ele bateu lá, falou para o Pimenta para o Pimenta vir abrir o sindicato para entregar. O Pimenta falou: “Ah, não! Sem ordem da Siderúrgica eu não entrego a chave, não. A Siderúrgica não falou nada...” Mas eu já tinha voltado e pedido ao professor Emílio. Falei: “Professor, eles não vão me dar posse.” Antes eu já tinha voltado lá. “Eles não vão me dar posse não, porque o outro já tinha me avisado lá, por outras pessoas, que não vai me dar posse, não.” “Não, Allan, eu vou te dar uma carta para o delegado, você vai levar uma carta para o delegado para ele te garantir a posse. Se for preciso arrebente a porta.” [riso] A gente tinha muita proteção, ouviu? Eu também, graças a Deus. Aí ele me deu a carta e eu vim, fui ali na delegacia, falei com o delegado, aí o delegado: “Que horas você vai tomar posse?” Eu falei: “Dez horas.” “Eu estou lá. Pode deixar que eu te garanto a posse lá.” Também eu já tinha pedido outras ajudas, aí já estava eu meio na política *também*. Já tinha pedido outras ajudas. Aí, dez horas, o Pimenta não veio de jeito nenhum. Aí o Batista falou: “O delegado está na porta, eles vão acabar te prendendo.” “Então você fala — eu não vou, não — você fala lá com o seu Paulo, que mora perto do sindicato, para ele abrir a porta.” Nessa hora já era uma hora da tarde. Das dez até uma hora da tarde fazendo isso. À uma hora da tarde seu Paulo chegou, abriu a porta e eu tomei posse. Foi assim que eu tomei posse no sindicato, em 51. E aí começamos a luta na Siderúrgica. Tem um acordo que nós fizemos, não sei se a senhora recebeu o acordo aí na Siderúrgica — o primeiro acordo que eu fiz com a Siderúrgica; está lá a assinatura minha, está a do Aarão Steinbruch, nós fizemos isto lá.

I.F.- O Aarão Steinbruch sempre batalhou muito aqui, não é?

A.C.- É, por causa dessas coisas todas eu fui atrás do Aarão Steinbruch e o convidei para ser o assessor jurídico aqui. Porque aqui nós tínhamos um advogado que era o dr. Geraldo Leal, depois o dr. Jamil Riscalá. E depois o dr. Aarão Steinbruch nos dava assistência. Aí começamos as reivindicações. Conseguimos ganhar uma ação em Barra Mansa que era das horas noturnas. Porque a Siderúrgica não pagava hora noturna, não pagava... Essas coisas ela não pagava nada. Férias em dobro ela não pagava... Então as reivindicações que eu fiz, todas dentro da Consolidação — nunca fiz nada que não fosse de direito — então essas reivindicações foram feitas... Ganhamos em Barra Mansa, com 2.800 reclamantes, naqueles cinco minutos da hora noturna, não é? No fim nós ganhamos lá.

V.A.- Como assim, não estou entendendo. Cinco minutos...?

A.C.- É que a hora noturna é diferente da hora diurna, ela é de 52 minutos e 30 segundos, não é? Então, em cada hora, você tem uma parte, não é isso? Então ela é diferente. Então você junta aquela

hora, você tem tantos minutos... Por cada turno que você faz de zero hora, você tem alguma coisa... Ganhamos aqui em Barra Mansa. Aí começaram a fazer lá no ministério umas reuniões para um acordo. Era o doutor... que presidiu, está me faltando o nome dele agora, daqui a pouco ele deve vir também. E quem foi o representante da Siderúrgica lá foi o general Mário Gomes, que era o diretor-tesoureiro da Siderúrgica. Ele que foi representando a Siderúrgica lá. Foi o dr. Frederico, que é irmão dele, que era o jurídico, e o chefe aqui do escritório, que era... Está me faltando o nome dele agora também nesse momento. Então foram, e eu fui, e mais o pessoal do sindicato. Lá era o dr. Ferrer, que foi o que presidiu as reuniões. E lá aconteceu a coisa mais interessante. Quando abriram os trabalhos e houve as reivindicações, eu disse o que acontecia aqui na Siderúrgica — isso que eu falei há pouco sobre a fome, aquela coisa toda —, e o outro disse que isso não existia, que aquele salário também não existia na Siderúrgica, que não existia isso.

V.A.- Quem disse isso?

A.C.- Isso foi o chefe do DPE aqui. Então falava para o outro advogado, aí o outro advogado falava para o general Mário Gomes, e o general Gomes: “Ô, Allan, não existe isso lá. Está acabando de falar ali o chefe do DPE.” Eu fui... Aí o dr. Roque Ferrer falou: “Pois é, Allan, como é que eu posso fazer? É a sua palavra contra a deles.” Enfiei a mão no bolso assim e tirei um... Falei: “Doutor, o senhor quer perguntar ao general Mário Gomes se esse documento é da Siderúrgica?” Era um contracheque com o valor. Ele pegou, viu, passou para o general Mário Gomes, o general Gomes passou para o outro, o outro passou lá para o dr. Leopoldo — vê o nome do chefe aqui: Leopoldo. O dr. Leopoldo falou: “Isso é um caso, no meio de dez ou 20 mil; um caso, isso não é nada, isso não é coisa nenhuma!” Falei: “Ele não existe?” “Não. Isso é um caso só. Isso é uma aberração que está lá.” Enfiei a mão no outro bolso: “Doutor, o senhor quer perguntar ao general Mário Gomes se *esse* também é da Siderúrgica?” Era outro. Ele passou a mão para o general. O general olhou, olhou assim de novo, passou lá: “É. Dois casos. Dois casos em uma Siderúrgica daquelas, com aquele monte de funcionários!” Eu falei: “É um caso, dois casos... Agora já é dois, não é? O dr. Leopoldo está falando que agora são só dois; então não deve ter mais, acabou.” Enfiei a mão no outro bolso e tirei: “O senhor quer perguntar aí...” O general Mário Gomes estava vermelho já. [risos] Pegou: “É. Três casos...” Eu falei: “Oh, era um, é dois, é três.” Enfiei a mão no outro bolso: “O senhor quer perguntar se esse aqui...?” O dr. Roque Ferrer olhou para o outro assim: “Quatro casos...” O dr. Frederico virou para o dr. Leopoldo: “Leopoldo, se retire da mesa porque nós não podemos acreditar nas suas informações. Lamentavelmente nós temos que acreditar no Allan.” [riso] O Leopoldo ficou vermelho, juntou a pastinha e saiu da mesa. [riso] Dali para a frente os casos foram sendo resolvidos, porque eu mostrei que o que eu fazia, tudo estava baseado em lei, não estava pedindo nada além daquilo, e acabamos fazendo um acordo e o acordo está lá, compreendeu? Ainda há pouco tempo esteve aqui um alemão que está fazendo lá um doutorado na Alemanha. Veio aqui falar comigo e me mostrou — até eu podia ter pedido a ele aquilo, porque eu não tenho, aquilo ficou no sindicato —, mostrou minha assinatura, tudo lá, uma fotocópia de tudo aquilo. Está lá a do Aarão Steinbruch, na parte lá... — o acordo que nós fizemos com a Siderúrgica e a que tínhamos direito; eu não pedi nada errado, então a Siderúrgica fez comigo. Dali para a frente ficou o general como a pessoa que era para dialogar comigo, e eu tinha bom acesso com ele, porque ele viu que eu nunca pedi nada que não fosse direito. O que era direito eu pedia, o que não era direito eu falava com o funcionário: “Isso não pode, você não tem direito, não vamos fazer nenhum pedido.” Fiz a assembléia do sindicato quando os comunistas faziam uma encrenca muito grande, porque eles pediam coisas absurdas que a gente não ganhava na Justiça. Então eles não...

V.A.- Por exemplo, o quê?

A.C.- Eles pediam às vezes reivindicações que não podiam, compreendeu? Não tinham direito. Então, isso de assembléia... A gente não recorda muito assim. Tem aquelas assembléias, não sei se a senhora tem aí fotografia das assembléias, assembléias de dois mil e tantos lá no cinema, aquela quantidade que eles faziam.

V.A.- Qual cinema, de Barra Mansa?

A.C.- Não, aqui em Volta Redonda, onde está ali um banco. Ali tinha 1.200 ou 1.500 pessoas, mas ficavam do lado de fora e tinha o livro que assinavam. Então nós fazíamos. Eles sentavam na frente e começavam a fazer as reivindicações, eu deixava, ouvia. A reivindicação, quando era boa, eu aceitava, empunhava: “Essa bandeira eu empunho.” A que não era, não. Eu falei: “Bom, o sindicato faz o seguinte: o sindicato paga o advogado que vocês indicarem; agora, vocês vão ganhar.” “Não, isso não é nosso problema.” Eu falei: “É, ué. Se vocês têm uma idéia boa e vocês é que ganham, contratem um advogado e o sindicato paga. Agora, o advogado vai ter que ganhar essa ação.” Começamos a fazer, eles foram diminuindo, acabou. Depois eles não faziam mais reivindicações assim, eles já paravam com essas reivindicações. Acabei com essas reivindicações assim. Se era boa a bandeira... “Essa é boa, vamos empunhar.” “Não é boa, não vamos empunhar. Você arranja o advogado e o sindicato paga.”

I.F.- E a influência de outros partidos, por exemplo o PTB?

A.C.- Sim. [risos] Isso aí o sindicato... Agora vem a parte...

I.F.- Se o sindicato teve influência do partido comunista, como o senhor estava falando, deve ter tido do PTB também.

A.C.- Não, o PTB não ajudava em nada. O PTB não me aceitou, eu quis entrar no PTB, o PTB não me aceitou.

V.A.- Ah, é?

A.C.- É, não me aceitou.

V.A.- Quando foi isso?

A.C.- Era o Omar, acho que era Omar Goulart Vilela, que era o deputado. Foi deputado em Barra Mansa e era o presidente do PTB. Ele disse que se eu entrasse eu podia liderar e tomar o partido dele. [riso]

I.F.- O senhor até aí era considerado um líder sindical só.

A.C.- Eu poderia tomar o partido dele, então não podia deixar.

I.F.- Achava que o senhor era um líder sindical com bastante força?

A.C.- É. Então eu fui a Niterói tentar entrar com o secretário do partido, compreendeu? Ele falou: “Allan, não tem jeito, eles não te aceitam lá. É uma bobagem que eles estão fazendo, mas eu não posso, pois é o diretório de lá, eu não posso.” Foi governador do estado, do PTB — está me faltando o nome dele agora outra vez, daqui a pouco virá... O filho dele, acho que é prefeito.

I.F.- Roberto Silveira?

A.C. É, Roberto Silveira. Morreu lá em um desastre de...

I.F.- Morreu em um acidente de helicóptero.

A.C.- De helicóptero. Nessa ocasião eu estava lá em Minas, quando eu soube da morte dele. Mas ele era o secretário. Eu falei com ele e ele disse: “Eu não posso, não tem jeito. O Omar Vilela não te aceita de jeito nenhum. Já falei com ele, mas não aceita.” Está bom. Aí eu entrei para o PSD. Eu falei: “Bom, eu preciso de um partido, eu preciso de uma cobertura.” — mas isso antes dessa parte aí. Eu preciso de um partido para dar uma cobertura.”

V.A.- Ah, então antes de o senhor entrar como eleito...

A.C.- Não. Eu entrei nessas partes aqui nesse tempo todo, que a gente fazia campanha aqui dentro, não é isso? Até chegar àquele ponto ali.

V.A.- Até chegar a presidente do sindicato.

A.C.- Não, até chegar a esse acordo. Até chegar àquele acordo eu tive que fazer um trabalho grande, porque precisava do apoio político. Então eu entrei para o outro partido. Mesmo dentro do PTB, eu arranjei os amigos, dois deputados. Um é o Paranhos de Oliveira, amigo do Getúlio Vargas; e o outro também foi deputado, foi governador, está me faltando assim o nome dele agora, governador do estado. Ele tem uma cara de japonês.

V.A.- Celso Peçanha?

A.C.- Celso Peçanha. Isso mesmo, Celso Peçanha. Então tinha lá na Câmara dos deputados aquele pinga-fogo. O Paranhos não era de falar, mas o outro era. Então os problemas que eu tinha aqui eu levava para lá, falava com ele, ele ia lá para a tribuna, naquele pinga-fogo, e punha aquilo logo, [riso] e começamos a agitar aquele negócio. E todos os dois do PTB. Bom, mas aí eu precisava... Porque o presidente da companhia, que era o general Raulino, nem tomava conhecimento de mim, de jeito nenhum, não me recebia. Das reivindicações que ele não aceitava, não tomava conhecimento — isso, antes; isso tudo antes desse acordo. Então eu precisava falar com o presidente Vargas, ele estava lá no Rio Negro. Aí eu falei com o Paranhos — o presidente estava lá no Rio Negro — e ele disse: “Eu vou lá com você, vou arranjar uma audiência com você, vou com você direto, assim eu entro como deputado e te levo.” Bom, fui para lá, chegamos lá. Quando ele falou com o secretário do presidente — também está me faltando o nome, é um escritor, famoso, foi secretário do presidente Vargas... Ele falou: “Por aqui não entra, não; não vai entrar, não.” O Paranhos voltou e falou: “Olha, não deixam você entrar, não.” Isso já eram onze horas da noite. Nós estávamos lá pelejando e o presidente estava atendendo lá um punhado de deputado, estava lá no salão de audiência atendendo. Ele falou: “Olha, mas também tem uma coisa: e se eu falar aqui com o Gregório? Também é gaúcho, aquele negócio...” Falou com o Gregório: “Ah, ele não deixou, não?” “Não.” “Você vai entrar pela cozinha. [risos] Você vai entrar pela cozinha, vamos para cá.” Demos a volta e entrei pela cozinha; entrei pela cozinha, foi. Chegamos lá, estava aquela fila, e o presidente estava em pé, recebendo — que ele ficava em pé para a pessoa não ficar muito tempo demorando. Também tinha levado uma cartinha no bolso, não é? [riso] Aí entramos na fila. Quando cheguei, o Paranhos falou, me apresentou. Getúlio estava com um paletó jaquetão assim. Quando acabei de falar com ele, contei o caso assim rápido, ele falou: “Faz uma carta para mim.” Eu falei: “Presidente, já trouxe.” Aí ele pegou e enfiou no bolso. Cinco dias depois estavam me chamando



aqui para a entrevista aí. Aí começou o caso, começou o caso aqui assim. Dali para a frente começou, e foi até chegar a esse acordo lá. Mas foi assim: que eu já fui relatando ao presidente, na carta, tudo aquilo que estava acontecendo — as reivindicações e os erros que estavam acontecendo e que nós não pedíamos nada. Então eu fiquei conhecendo o presidente à uma hora da manhã — a hora em que eu falei com ele. Aí começou a diferença. Aí já não tinha muito problema porque eles sabiam do apoio que eu tinha lá embaixo. Então, com o Segadas Viana... O Segadas Viana punha dificuldades, tanto que o Segadas Viana caiu aqui no dia 1º de maio, o dia em que nós fizemos o desfile das consolidações — porque o presidente estava com dificuldades em fazer o 1º de Maio no Rio...

V.A.- Isso em 1953.

A.C.- Estava com dificuldades de fazer ..., então nós o convidamos para fazer em Volta Redonda. Foi feito o desfile das consolidações aqui. Nessa ocasião ele autografou uma Consolidação que ficou no sindicato e sumiram com ela. [riso] Tinha uma série de consolidações, aí, nesse dia ele veio fazer, nós fizemos o desfile aqui da Consolidação, nós pusemos o pessoal do sindicato a desfilar, agradecendo a Consolidação. Eu falei aí nesse dia também para o Brasil através da Rádio Nacional — fui eu o que fez o discurso. Mas antes disso...

[FINAL DA FITA 2-A]

A.C.- O que aconteceu?

V.A.- Antes dessa parte do acordo que o senhor estava falando.

A.C.- Não. Logo depois do acordo, eu vim para Volta Redonda. O dr. Roque Ferrer me chamou no Rio, eu fui lá falar com ele. Ele era chefe do Departamento Nacional do Trabalho, naquela. Então ele me disse: “Allan, tem uma surpresa para você.” Eu falei: “O quê?” “Uma viagem que foi oferecida pela rainha da Inglaterra para quatro líderes e essa é sua. Você aceita?” Fiquei... “Mas, doutor...” “Não, Allan, você se destacou. O primeiro líder que eu vejo se destacar assim. Você se destacou e essa eu te ofereço.” Eu falei: “Aceito.” Eu tinha casado tinha seis meses. [riso] Falei: “Aceito, doutor.” [inaudível] era passar dois meses lá. A Inglaterra tinha aberto as portas para nós conhecermos o sistema deles. Então fomos para lá, fomos visitar as fábricas, visitar o sistema deles de assistência, aquelas coisas todas. Visitamos lá durante 30 dias.

I.F.- Tinha intérprete acompanhando?

A.C.- Quando chegamos lá, tinha: o *mister* Lamb. Tanto que quando ele... Nós chegamos lá, não tinha ninguém nos esperando; descemos no aeroporto, não tinha ninguém nos esperando. Mas nós tínhamos o endereço...

I.F.- Todos líderes sindicais?

A.C.- É. Os outros eram líderes também sindicais, mas os outros eram antigos, eram líderes antigos. O novo mesmo era eu, que estava com pouco tempo de sindicato, os outros todos eram antigos.

V.A.- Isso foi enquanto o senhor era presidente do sindicato?

A.C.- Foi, foi logo no começo. Eu era o presidente do sindicato.

V.A.- Os outros líderes quem eram, o senhor lembra?

A.C.- Um era o Ari Campista; o outro, o Rômulo; o outro assim eu não me recordo do nome.

V.A.- Mas eram de onde?

A.C.- Do Rio, todos os três do Rio. Um eu acho que era presidente da federação... O arigó mesmo era eu. [risos] Então fomos para lá.

V.A.- Não tinha ninguém esperando no aeroporto?

A.C.- Não. Mas nós tínhamos o endereço, pegamos um táxi, e o outro ainda tinha eu acho que duas coroas — nem libra nós tínhamos... Nós estávamos com dólar, mas não tínhamos... Eu sei que nós fomos parar no hotel. E no hotel, aí quando nós chegamos lá, a moça falava castelhano. Daí a pouco chegou lá, se apresentou lá falando português — mas falando português mesmo, de Portugal, eu pensei que era português mesmo... [riso] Depois que ele se apresentou: era o *mister* Lamb. Ele ia esperar eu acho que era meia-noite, eu sei que nós chegamos mais cedo. Então dali para a frente estava tudo arrumado e ele nos acompanhou — ele era professor da faculdade de Liverpool. Então ele nos acompanhou esse período todo em todas as viagens que nós fazíamos. Visitamos uma mina de carvão a setecentos metros de profundidade! Nós andamos de quatro lá naqueles negócios... [riso] Que trabalho! Aí é que nós mostramos: “Isso aqui... Lá na nossa terra ninguém trabalha em um lugar...” Garoto de 15 anos, 16 anos lá embaixo! A alimentação tem que ser fria, a pessoa fica escura, porque aquele pó do carvão com aquela ventilação, aquilo vai infiltrando nos poros, a pessoa [inaudível] tudo. Essa foi... eu esqueço agora, está me faltando o nome da cidade. Até a cidade é escura, é tudo mina de carvão, é uma coisa tremenda o trabalho. Eles ganhavam lá eu acho que 50 libras, ou cinco libras... eu não sei bem. Eu sei que relativamente para nós era muito pequeno o salário, pelo lugar onde eles trabalhavam.

V.A.- E a alimentação era fria por quê?

A.C.- Porque lá não pode acender cigarro, acender fósforo, por causa do gás: há explosão. Então a alimentação... O fumo deles... eles mascam o fumo, todos eles mascando fumo.

I.F.- Senão explode tudo, não é?

A.C.- É. É uma coisa tremenda! Aquilo a setecentos metros, a gente andando lá, tem aquelas gotazinhas de água caindo e aquele vento. Nós ficamos lá eu acho que umas quatro ou cinco horas, lá de baixo daquilo.

I.F.- O senhor chegou a achar que as condições daqui eram melhores do que as de lá.

A.C.- Muito superior! Não tinha, não tem comparação, compreendeu? Não tem comparação, não. Aí depois nós fomos lá para os clubes deles, não é? Visitar...

V.A.- Dos mineiros?

A.C.- É. Aí estávamos no clube deles lá, do sindicato deles. Cada tonelada de cerveja desse tamanho! Um pegava aquela coisa, vinha e punha na minha frente. Eu não bebo. [risos] Outro vinha... No fim estava com um punhado, cada um queria fazer uma homenagem e colocava um barril daqueles na nossa frente lá. Aí conversamos, eles contando casos, quer dizer, em um boteco

que tem ali, nós aprendemos a parte do sindicato, como funciona o sindicato deles. Visitamos o ministério, fomos recebidos pelo ministério, ele deu uma espécie de um almoço lá, homenagem... Aí nós fomos para Paris, passamos sete dias em Paris, depois fomos para a Espanha, sete dias na Espanha, e passamos sete dias em Lisboa.

V.A.- Mas isso visitando também fábricas, ou os sete dias em outros países...

A.C.- Não, esses dias já não foi visitando coisas. Porque nós fizemos conhecimento lá com duas moças da BBC que eram brasileiras. Uma estava estudando na Sorbonne, era de São Paulo e estava lá; outra era funcionária da BBC mesmo, compreendeu? Então fizemos amizades lá. Quer dizer, então nós conhecemos também a parte noturna de Londres, nós conhecemos assim, depois viemos para a parte de Paris e, da outra para a frente, nós fizemos o que nós tínhamos condições de fazer.

V.A.- Só para passear mesmo, não é?

A.C.- É. Conhecer aquela parte assim, não é?

I.F.- Agora, a Inglaterra deu passagem de ida e volta, estadia lá... E essa outra temporada, quem pagava?

A.C.- Nós recebemos... A passagem era de ida e volta, então não tinha problema, não é? Quanto ao dinheiro, o ministério forneceu duzentas libras. Então 200 libras dava para a gente fazer esse trabalho todo. E nós levamos alguma coisa também por fora, nosso, não é? Na França nós não tivemos problemas: eles estavam aceitando o nosso dinheiro, eles estavam preferindo nosso dinheiro ao dólar, na França na ocasião.

V.A.- Ah, é?

A.C.- É, na França foi assim. Então nós não tivemos esses problemas assim, não. Aí visitamos museu, aquelas coisas todas que foram visitadas, que nós fizemos... Em Portugal aquela parte toda nós visitamos assim. Foi esse o trabalho que nós...

V.A.- Na França já não tinha mais intérprete? Como é que os senhores se entendiam lá?

A.C.- Na França nós tínhamos.

I.F.- Essa moça da Sorbonne?

A.C.- Essa moça que estava fazendo lá o curso dela. Quer dizer, para eles era uma beleza porque nós pagávamos todas as despesas, então para ela também era muito bom, ela estava passeando, não é isso? Então nós fizemos todo esse trabalho assim. Na Inglaterra, também: depois, à noite, já não precisávamos do *mister* Lamb, porque tinha essas duas... Essa que trabalhava na BBC era Ala — isso mesmo, Ala, que trabalhava na BBC. O salário dela lá era menor, eu nunca vi um salário tão pequeno assim. O professor da escola de Liverpool ficou apavorado com a nossa forma de gastar dinheiro.

I.F.- Eles estavam saindo de uma guerra, não é?

A.C.- Sabe quanto ele ganhava por ano? Ele ganhava 52 libras por mês, 52 libras era o salário dele por mês. Nós estávamos recebendo duzentas libras! Quando ele nos viu — ele foi conosco ao banco

– receber e enfiar aquele dinheiro no bolso, disse: “Vocês andam com esse dinheiro todo no bolso?” E eles pagando lá umas coisas, pagando... uma cerveja... Eles pagavam aquilo tudo, pagavam o outro... Ele ficava admirado! Como se fazia aquilo? Eu falei: “Não, mas lá no Brasil é comum um sujeito dar cigarro ao outro, pagar uma rodada de bebida — eu não bebo, mas os outros que bebem pagam isso, estão acostumados.” A cerveja... ele queria tomar cerveja, mas meio a meio.

V.A.- Um copo dividido pela metade.

I.F.- Eles estavam saindo de uma guerra, não é?

A.C.- É. A alimentação lá também era interessante: não tinha carne, um ovo por semana... Chocolate você não podia comprar; o chocolate estava na vitrine mas você não podia comprar o chocolate. Não te vendiam chocolate, que era racionado; só se tivesse cartão. Aquilo que eu achei interessante: está na vitrine, você tem o dinheiro, mas não compra.

I.F.- Aí, de lá, o senhor voltou para Volta Redonda para trabalhar ainda no sindicato aqui?

A.C.- Voltei.

I.F.- E continuava como funcionário da CSN?

A.C.- Não. A Siderúrgica licencia, não é? Quando vai para sindicato, é licenciado. Quando eu voltei para a Siderúrgica, me puseram no corredor e eu não aceitei o corredor.

I.F.- Que é isso, corredor?

A.C.- Corredor? Tinha um corredor e a pessoa fica parada à toa o dia inteiro ali. É humilhação, uma forma de humilhar uma pessoa, entendeu?

I.F.- O senhor já não podia ser demitido, porque tinha a garantia de dez anos de trabalho já.

A.C.- É. Então é uma humilhação pôr no corredor. Todo mundo passando e está lá a pessoa no corredor. Chama-se corredor: “Está lá no corredor!” Isso é uma forma de humilhar a pessoa, eu não aceitei.

I.F.- E aí pediu demissão.

A.C.- Larguei. [riso]

I.F.- Saiu do corredor.

A.C.- Saí do corredor.

I.F.- Foi fazer o quê?

A.C.- [riso] Fui ser corretor de imóveis.

V.A.- Aí o senhor pediu demissão da CSN?

A.C.- Não pedi, não, abandonei o cargo! Fiquei tão aborrecido que eu abandonei.

I.F.- Não voltou mais lá?

A.C.- Não.

I.F.- Já não tinha mais o problema de guerra para dizer que era desertor...

A.C.- Não; abandonei, compreendeu? Aí fui ser corretor de imóveis.

I.F.- Eu queria, antes de terminar essa parte, entender algumas coisas. Por exemplo, a CSN era dona de tudo aqui em Volta Redonda: ela tinha colégio, ela dava instrução para as crianças, ela tinha o hospital, ela tinha o corpo de bombeiros, ela tinha a polícia, ela tinha todas as casas, ela era dona de tudo.

A.C.- O colégio, não. O colégio, no começo, era Barra Mansa. Ela fornecia o ônibus para levar as crianças a Barra Mansa.

I.F.- Ah, isso eu não sabia. Porque disseram que tinha o colégio Nossa Senhora do Rosário...

A.C.- Não, o Rosário não era dela, era das irmãs. Ela forneceu aquilo às irmãs; o outro também era dos padres, não era dela. Quer dizer, quem administrava eram os padres e lá em cima as irmãs.

I.F.- E cobravam?

A.C.- Cobravam.

I.F.- Escola pública não tinha aqui?

A.C.- Escola pública, poucas. Era particular, compreendeu? E era do estado, não é?

I.F.- Eu estou perguntando isso porque eu li que o sindicato começou a fazer cursos de datilografia, cursos de costura...

A.C.- Isso aí foi no meu tempo, que se inauguraram os cursos...

I.F.- Curso de preparação profissional. Isso não tinha aqui, então?

A.C.- Não. Os cursos de datilografia... isso tudo foi inaugurado por mim.

I.F.- Porque existia necessidade disso aqui — quer dizer, não tinha onde aprender...

A.C.- Não, não tinha.

I.F. Porque tinha a Escola Técnica já.

A.C.- Escola Técnica, sim. Fizeram a Escola Técnica. Mas esses outros, não. Esses outros foram administrado pelas irmãs e pelos padres.

I.F.- Como também ouvi que tinha que ter assistência odontológica e que o sindicato fez, porque...

A.C.- Tudo aconteceu no meu tempo. [riso] Foi acontecer no meu tempo.

I.F.- Exatamente. A CSN não estava dando conta mais? A cidade cresceu? Por que essa necessidade de o sindicato se envolver com isso?

A.C.- Porque cabe ao sindicato uma parte da assistência social. Porque a parte, por exemplo, do imposto, imposto sindical, a senhora não pode gastar em determinadas coisas. Imposto sindical tem que ser aplicado nessa parte. Então isso eu sempre... Passei dois anos só no sindicato, não quis reeleição, porque eu disse a eles que eu não seria pelego. Antigamente dizia-se pelego, aquele que quer... Eu, não: disse que eu não seria pelego, eu só ficaria dois anos. Eu vim para resolver o problema e, terminando o problema, eu não queria mais ser presidente do sindicato. E não fui candidato. Tanto que foi eleito o outro que trabalhava comigo, que é o Válter Millen — ele que era o tesoureiro. Eu não aceitei ser pelego, a senhora entendeu? Então, essas partes assim, eu fui rigoroso na aplicação do dinheiro do fundo sindical, compreendeu? Disse: “Tem que ser atado nisso, vai ser colocado nisso. Outras rendas, sim, podem ser utilizadas em outras coisas, mas esta parte...” Então foi feita uma campanha muito grande contra mim. Um jornal lá de Niterói... Porque eles vinham e queriam dinheiro para fazer publicidade, e eu disse que o sindicato não tem dinheiro para publicidade. Eu falei: “Publicidade nós fazemos aqui com o nosso trabalho.” “Não, mas...” “Nesse dinheiro eu não mexo, nesse dinheiro eu não mexo.” Então fizeram campanha, aquele negócio todo... Para mim não importa, pode falar, eu sei o que estou fazendo. O que importa é só o que eu penso, o que os outros estão pensando não me importa.

I.F.- Quer dizer então que esse dinheiro do imposto sindical o senhor aplicava na assistência odontológica...

A.C.- É. Era para isso.

I.F.- Nos cursos...

A.C.- É. Então esse dinheiro a senhora pode aplicar; a outra parte, não pode.

I.F.- Como também eu li — o senhor vai confirmar ou não — que o senhor foi muito apaziguador, o senhor não teve uma direção que entrava em confronto com a direção, o senhor tentava acomodar as coisas.

A.C.- Sim, porque o seguinte: o confronto... Por que confronto? O confronto é quando a senhora pede algo que não tem direito e não ganha na Justiça, não é verdade? Então vai confrontar, vai fazer... Mas muita coisa eles não souberam fazer e eu fiz — foi isso que eu disse à senhora — usando os deputados. Fiz diversas campanhas aqui em Volta Redonda, vamos dizer assim, de público. Eu trouxe o professor Emílio! Coloquei ele em cima de um caminhão [riso] para falar sobre os direitos dos trabalhadores em Volta Redonda. Ora, o delegado do trabalho eu consegui trazer! A senhora vê que eu tinha um crédito com eles. Deputado eu trazia, mas mostrava o que era o certo, compreendeu? Eu trouxe o professor Emílio, eu trouxe diversos deputados, compreendeu? Para mostrar, fazendo ali na Vila — porque onde está aquela praça ali era uma praça só, não tinha aquela parte de água, nada. Eu fiz um comício ali com mais de dez mil pessoas, mostrando os erros da Siderúrgica em não cumprir a lei. Quer dizer, tudo isso foi feito; eu não estou falando dessas outras partes que foram feitas, compreendeu? Quando o presidente veio para Volta Redonda...

I.F.- Em 53?

A.C.- É. Quando ele veio para o 1º de Maio, foi a convite nosso, porque lá no Rio estava difícil. Para a senhora ter uma idéia, o general Raulino tentou que ele não viesse ao sindicato, aí veio lá do Rio um dos assessores do Segadas Viana e falou: “Allan, tenho uma notícia muito desagradável para você. O presidente não vai vir ao sindicato, ele vai lá para a casa da Siderúrgica.” Nessa hora eu fiz uma bobagem, não sei se foi bobagem, deu certo. Falei: “Olha, se o presidente não vem direto ao sindicato e não é nosso hóspede, será vaiado. Eu vou comandar a vaia.” “Você vai ser preso!” “Vou ser preso. Vou avisar o meu pessoal. Se eu sumir, estou preso, faz parte.” “Allan, você está doido!” Eu falei: “Não sei se eu estou doido ou não.” Ele era coronel aposentado, aquela coisa. “Eu não sei se eu estou doido ou não. Vai ser vaiado.” “Você está doido, Allan.” “Pode dizer que vai ser vaiado.” “Você fala isso com o Segadas?” “Eu falo.” “Você vai lá amanhã?” “Vou.” No outro dia eu fui para lá. Segadas Viana me atendeu e falou: “Não, Allan, não vai poder não, porque o general Raulino...” Eu falei: “Olha, eu já falei lá com o fulano: ele vai ser vaiado.” “Você não tem coragem!” Eu falei: “Eu tenho. Você prende, pode prender, mas todo mundo vai saber, que eu já vou avisar que todo mundo vai saber.” Acabei, desci e pedi: “Com licença.” E desci. Desci, peguei o carro, até era um carro de praça, e falei: “Vamos *embora*, não pare em lugar nenhum. Se me prenderem, você já pode dizer por que que foi.” Viemos, passamos na barreira e viemos. Cheguei no sindicato, eram dez horas da noite. Chamei a turma: “Olha, aconteceu isso, isso e isso. Eu disse isso, isso e isso. Se eu sumir façam a vaia e digam por que que eu sumi.” Bom, isso eu cheguei às dez horas. Aí, não tinha acabado a reunião, já era mais ou menos meia-noite, o mesmo chegou: “Allan, tenho uma grande notícia para você.” “O que é?” “O presidente vem direto para o sindicato.” [risos] Eu falei: “Graças a Deus, eu já estava falando para a turma aqui que se eu sumisse...” Esqueci o nome do coronel... “Se eu sumir já sabe o que aconteceu comigo.” Então Getúlio veio direto à sede do sindicato, tem fotografia aí dele chegando à sede, o Gregório, aquele negócio todo, e ele subindo à sede do sindicato. E a faixas : “O presidente é *nosso* hóspede.”

I.F.- Agora, aqui, o seu sindicato era um dos maiores do Brasil, não era?

A.C.- Olha, eu peguei o sindicato com 1.200 sócios. Quando eu deixei o sindicato, ele estava com 12.600 sócios.

I.F.- Por que o ABC ainda não existia.

A.C.- Não, não. Ele era forte por isso, compreendeu? Porque era, fazia [inaudível] nas assembléias, não é? E assembléia fazia-se no domingo. Quer dizer, reunia aí duas mil e tantas pessoas dentro de um lugar, pequeno...

I.F.- Agora me conte uma coisa. As reivindicações do trabalhador aqui de Volta Redonda eram muito grandes, ou o sindicato é quem tinha que agitar, movimentar? A impressão que eu tenho, pelo que eu tenho lido, é que ele era muito acomodado, ele vivia muito achando a CSN tudo na vida dele.

A.C.- Não, se a senhora olhar o acordo, a senhora vai ver as nossas reivindicações que foram aceitas... A senhora vê as horas noturnas que não se pagavam...

I.F.- Essas reivindicações, era o sindicato que analisava e chegava a essa conclusão, ou eram os trabalhadores que vinham pedir?

A.C.- Não, como eu disse à senhora: eu trabalhei na usina. Quem trabalhou o tempo todo... eu cheguei em 42, quer dizer, eu conheço o início da Siderúrgica, as dificuldades disso, eu vi o outro passando fome, não é isso? A sopa, que existe até hoje lá na usina, foi uma reivindicação – eu me

emociono, eu não guardo, eu me emociono – que eu fiz ao... esse já era secretário lá embaixo, ao dr. Paulo Martins. Quando eu contei a ele sobre fome, esse negócio todo, e que poderia a Siderúrgica dar uma sopa — e ele se emocionou também — que poderia dar uma sopa ali à noite, no turno da noite e [inaudível] mais necessário na noite, ele falou assim: “Allan, a que horas você quer que dê a sopa?” Eu me assustei. Falei: “Olha, doutor, à noite pode ser mais ou menos ali pelas três horas da manhã, porque é a hora em que a gente já está baqueando.” — porque eu trabalhei no turno. “É a hora que a gente está baqueando, não está agüentando mais, os olhos estão fechando e com fome.” Ele saiu do gabinete dele, era ali no edifício da Siderúrgica, naquela rua perto daquele teatro... Uma rua ali, eu estou esquecendo, acho que é 13 de Maio... Ali onde era o Tabuleiro da Baiana, aquela coisa ali. É 13 de Maio. Ele saiu do gabinete dele, me acompanhou até o elevador e disse: “Allan, pode anunciar. Hoje não vai dar porque você está saindo à uma hora da tarde — na hora não dá. Mas amanhã vai sair a sopa, pode dizer.” Eu vim feliz da vida. Cheguei, chamei o pessoal, contei o caso, falei: “Mas não anuncia, porque isso foi verbal, foi verbal, não tem nada escrito. Se eu anuncio e amanhã não dá e ele diz ‘Ele não falou nada comigo’, como é que eu fico? Eu não tenho nem como... Fico eu um mentiroso.” No outro dia, às nove horas, eu telefonei lá para o refeitório, chamei o gerente, falei: “Você recebeu alguma ordem?” “Ah, recebi sim, Allan. Já mandei comprar carne seca, já comprei isso, já vai sair a sopa e mandaram eu perguntar a você a que horas você quer.” Eu falei: “Olha, eu falei com o dr. Paulo Martins que à noite seria tantas...” “Não, hoje é a Amélia.” — Amélia era uma kombi, parecia uma kombi assim fechada, para fazer o transporte de coisas da Siderúrgica. “A Amélia vai começar a levar o alimento, a sopa, vai distribuir a sopa. E já estão preparando tudo para fazer.” Eu falei: “Agora pode anunciar que a sopa vai sair.” Então essa sopa ajudou a muita gente, entendeu? Matou a fome de muita gente, porque as pessoas podiam comer e encher a marmita e levar para casa. Quantas pessoas foram beneficiadas? Isso tudo emociona.

I.F.- É, eu imagino. Mas a sensação que eu estou tendo é que o senhor se adiantava às reivindicações dos funcionários.

A.C.- Sim, porque eu sabia das necessidades deles.

I.F.- Eles aqui então eram bastante acomodados? Eles tinham melhorado de vida...

A.C.- Não, o problema é o medo. O medo, entendeu? Porque essas confusões que eles fizeram, eles trouxeram foi gente de fora, não foi gente daqui, não. Eles trouxeram os agitadores de fora! Tanto que quando eles saíram da usina, quando puderam sair, todos encapuzados... Por quê? Porque eles eram de fora. Vieram de outro sindicato para fazer isso.

I.F.- Aqui tinham medo de quê, de perder o emprego?

A.C.- Perder o emprego, ué. Mineiro gosta muito de estabilidade, compreendeu? Ele não quer deixar a família dele assim.

V.A.- E o senhor não tinha medo?

A.C.- Minha filha, medo a gente tem, mas tem hora em que você nem sabe por que faz determinadas coisas.

V.A.- Porque o senhor podia ter ficado, também, vendo o outro colega comendo o angu e ter ficado...



A.C.- Isso aí são coisas de dentro da gente, não é minha filha? A gente faz as coisas que a gente não sabe por que fez. Só o alto pode saber. Você toma impulsos que você não sabe, mesmo na política. Cada coisa que eu fiz, nessa política aí, que eu mesmo depois não sabia por que fazia. Nós conseguimos emancipar Volta Redonda participando — o sindicato. Volta Redonda foi emancipada, grande parte deve-se ao sindicato, compreendeu? Nós buscamos um líder que poderia dar a força, fomos buscar o Sávio Gama, não é?

V.A.- Que é o primeiro prefeito.

A.C.- É o primeiro prefeito. Emancipamos Volta Redonda com o Sávio Gama.

I.F.- O senhor quando voltou, então, ficou no corredor, e o senhor ficou ainda ligado ao sindicato, trabalhando — sem a presidência, mas ainda trabalhando ligado ao sindicato?

A.C.- Não, trabalhando, não. Já tinha me afastado do sindicato. Pertencia ao sindicato sim, como...

I.F.- Pois é, pertencia ao sindicato como sindicalizado.

A.C.- É, como sindicalizado.

I.F.- Participando de campanha, dos movimentos...

A.C.- É, mas não nessa parte.

I.F.- E um dia resolveu sair do corredor.

A.C.- Saí, larguei aquilo lá.

I.F.- E foi para uma empresa...

V.A.- Espera aí. Eu tenho outras perguntas antes. Não havia refeitório dentro da usina? Porque o senhor estava falando que o senhor levava a sua marmita e o...

A.C.- Não, nós trazíamos. O refeitório era cá fora. Dentro da usina não tinha refeitório.

V.A.- Os funcionários, eles tinham que trazer comida de casa?

A.C.- Os funcionários, os PEs, iam para casa: tinha o horário de almoço e eles iam para fora. Tinha os ônibus que traziam aqueles que tinham horário, eles fechavam o ponto e vinham para almoçar fora.

V.A.- Mas não existia restaurante dentro da usina?

A.C.- Não. Lá dentro, não. Dentro da usina, não.

V.A.- Hoje em dia existe?

A.C.- Hoje me parece que sim.

V.A.- A partir de quando houve esse...

A.C.- Ah, isso aí eu não posso saber, porque depois eu me desliguei bem, ouviu? Depois eu me desliguei dessa parte.

V.A.- Geralmente as pessoas levavam a comida de casa?

A.C.- Ah, levavam a marmita. Aqueciam lá dentro, isso era coisa comum. Todos levavam a sua marmita. Os refeitórios eram aqui fora.

I.F.- Tinha o refeitório dos engenheiros, não é?

A.C.- Tinha; dos funcionários...

V.A.- Mas aí o pessoal da usina não tinha acesso?

A.C.- Não, quando chegou a usina, já mudou tudo, não é? Quando começou a usina... Isso era no início — que tinha esses refeitórios diferentes. Tinha o refeitório do arigó, dos chapinhas, que aí tinha uma espécie de curral de boi, e a turma entrava ali [riso] naquela hora, compreendeu? Isso aí era aqui fora, esse era o refeitório do arigó.

V.A.- E o senhor comia lá?

A.C.- Não, eu, não, porque eu tinha a casa da minha tia, não é? Eu, não. Depois eu mudei para cá, eu vim para cá também, me deram uma casa.

V.A.- Isso foi quando o senhor se casou?

A.C.- Não, antes. Eu era considerado como arrimo de família, me deram uma casa...

V.A.- Quando o senhor trouxe a sua família? Quando veio a sua mãe e seu pai?

A.C.- Ah, isso aí eu não tenho assim a idéia exata, não. Mas deve ter sido lá por 46... Mais ou menos 46, 48.

I.F.- Aí o senhor recebeu a casa, alugava, pagava aluguel?

A.C.- Pagava à Siderúrgica. A Siderúrgica me cedeu uma casa, uma casa de madeira, pequenininha, mas eu tinha casa no acampamento central, compreendeu? Eu tinha casa.

V.A.- Porque seu pai e sua mãe vieram morar com o senhor.

A.C.- Vieram para cá.

V.A.- E o seu irmão veio também nessa ocasião?

A.C.- É. O meu irmão depois foi para estudar na escola profissional.

V.A.- Na Escola Técnica?

A.C.- Na Escola Técnica.

V.A.- E ele trabalhou na CSN também?

A.C.- Trabalhou na CSN como torneiro. Ele saiu de lá como torneiro e foi trabalhar como...

[FINAL DA FITA 2-B]

A.C.- Depois na política, não é? Aí que eu fui entrar...

V.A.- Deixa eu só perguntar: o senhor casou quando?

A.C.- Eu casei em 51.

V.A.- Em 51, assim que o senhor se tornou o presidente do sindicato.

A.C.- É.

V.A.- Ou antes?

A.C.- Não, foi logo que eu fui presidente do sindicato. Eu já era noivo, casei... Depois...[riso]

V.A.- Casou e abandonou a mulher...

A.C.- Depois de uns seis meses eu não fui... [risos].

V.A.- Seis meses que durou a viagem!?

I.F.- Não, seis meses de casado.

A.C.- Não, eu estou falando de casado, eu não fui... [riso].

I.F.- Passou dois meses fora.

V.A.- Passou dois meses fora. E ela não achou graça nenhuma na história.

A.C.- Não. [riso] Lá eu ainda falei na BBC. Fui chamado para falar na BBC sobre o que eu tinha visto na Inglaterra, fazer um relatório lá, como estava, aquele negócio. Me disseram o seguinte: “Você só não pode falar mal do Brasil, mas da Inglaterra você pode falar.” [risos] Isso é que eu achei interessante: “Você não pode falar mal do seu país, mas da Inglaterra você pode falar, pode criticar à vontade.” Quer dizer, isso eu achei interessante. Foi a primeira vez que eu ouvi a minha voz, porque acabei de dar lá a entrevista, sentamos em uma coisa e eu: “Oh, gente, tudo o que estava falando ali fui eu quem falou. Aquela voz não me parece minha, de jeito nenhum.” O outro: “Mas é a sua voz mesmo.” Meia-noite lá, nove horas aqui. É a BBC: nove horas aqui, lá é meia-noite. Então fui à BBC também fazer um relatório do que tinha feito lá. Eu fui muito feliz, sou muito feliz, graças a Deus, você entendeu minha filha? Eu me sinto uma criatura muito realizada. Fui para a política, conseguimos emancipar Volta Redonda. Sávio fez... o que tem em Volta Redonda, se olhar, é governo do Sávio. Olha os dois colégios grandes que tem em Volta Redonda — construídos pelo Sávio. Olha a Fundação Beatriz Gama — Sávio. E assim vai vendo as obras: Sávio fez. No segundo governo do Sávio, aí ele estava com um problema difícil, não é? Queriam até

pôr intervenção em Volta Redonda, que a Revolução estava dominando. E um dia eu estava lá, aí quando foi... Outra coisa...

V.A.- Mas o município de Volta Redonda foi emancipado em 54. Em 54 ele foi eleito prefeito?

A.C.- Foi, foi sim, foi logo em 54.

V.A.- E são quatro anos?

A.C.- Em 17 de julho de 54 ele tomou posse.

V.A.- São quatro anos, a gestão?

I.F.- Depende.

A.C.- São quatro anos sim.

V.A. Porque aí foi de 54 a 58, depois de 58 a 62.

A.C.- Aí, não; aí foi outro prefeito, foi o João Pio.

V.A.- Ah! Está certo. Aí depois é que ele voltou.

A.C.- Depois ele voltou. Depois ele voltou, compreendeu?

V.A.- Agora, eu tenho uma curiosidade ainda. Antes de o senhor se tornar presidente do sindicato, o senhor disse que foi muito ao Rio para conseguir não impugnar a sua candidatura, para conseguir a ficha limpa no Departamento de Ordem Política e Social. Nessa época o senhor se ausentava da Siderúrgica e era descontado o salário? Como era isso? Porque o senhor passava a semana tentando negociar as coisas e ainda não era presidente do sindicato.

A.C.- Não.

V.A.- Ainda não estava licenciado?

A.C.- Eu conseguia licenças.

V.A.- O senhor conseguia licenças falando diretamente com o seu chefe? Como era isso?

A.C.- Eu estive um período doente. Quer dizer, aquelas emoções, aquelas coisas todas... Me deu um período de doença. Tinha um problema de fígado, de vesícula, aquilo me deu, com aquelas agitações, aquelas emoções, aquilo me deu uns dois meses, mais ou menos assim, de licença médica, compreendeu? Eu tive licença médica.

V.A.- Então o senhor teve licença médica e aí o senhor ia para o Rio.

A.C.- Aproveitava esse período.

V.A.- Ah, está certo.

A.C.- Aquelas agitações todas, aquilo sem almoçar, sem jantar às vezes naquela campanha, naquela coisa toda, caí assim. Mas conseguia vencer mesmo sentindo os problemas, vencia, não é? Porque ir ao Rio... Por exemplo, não tinha dinheiro para comer, ia sem comida mesmo, tomava o que eles chamavam uma média com um pão e manteiga — já era o almoço e a janta. Pegava o trem aqui de manhã e voltava à noite. Então houve esses problemas, isso a gente não fala, viu? [risos]. A gente esquece o que é negativo.

V.A.- Faz parte, não é?

A.C.- A coisa que é negativa, eu procuro... não é?

V.A.- Agora, por que que a kombi se chamava Amélia?

A.C.- Tinha uma música naquela época, não tinha?

V.A.- Tinha.

A.C.- “Amélia, Amélia que é mulher de verdade.” Então, eles puseram o apelido nessa... [riso]

V.A.- Mas essa kombi fazia que serviço?

A.C.- Essa kombi fazia serviço de entregas de alimentos assim... Por exemplo: ia dobrar uma pessoa que tinha serviço, qualquer coisa, o refeitório mandava levar ou buscar um leite. Então ela fazia um serviço no refeitório. Então eles passaram a usar a Amélia...

V.A.- E acidente de trabalho, sr. Allan? Como é que era?

A.C.- Olha, acidente... A gente não tomava muito conhecimento dos acidentes, não, porque as divulgações eram muito poucas, não é? Quase que a gente não ficava... Sabia que tinham acontecido os acidentes... Por exemplo: numa ocasião, acho que dois irmãos, uma máquina bateu em um fio, eles morreram eletrocutados ali naquela parte, compreendeu? Mas os outros a gente não tomava tanto conhecimento porque não eram divulgado. Não tinha imprensa, não tinha nada.

V.A.- E a segurança no trabalho? Havia bota, capacete...? No início do funcionamento da usina, as pessoas eram equipadas? Porque lá dentro é muito perigoso.

A.C.- Não, não havia muito, não. Não havia muito, não. Se a pessoa pedisse essas, coisas davam, mas não era assim aquela segurança, aquela parte, não. Porque outra parte era quando estava fazendo... tinha os empreiteiros, não é? Tinha as empreiteiras quando estavam fazendo... Quando estava funcionando... Por exemplo: luva, a gente recebia a luva, não é? Bota tinha, naqueles lugares onde era úmido tinha botas, tinha. Essas coisas tinha, não assim com tanta divulgação, mas tinha, havia sim. A gente não pode dizer muito também ao contrário, não, porque tinha.

V.A.- Então, quando veio a sua família para cá, o senhor recebeu uma casa. O senhor pagava aluguel por essa casa?

A.C.- Pagava.

V.A.- E o senhor quando casou mudou de casa?

A.C.- Quando... Não, eu já tinha ganho outra casa, porque ali, depois, houve as construções, aí ela começou a construir. Aí eu ganhei uma casa lá no Conforto, na rua... 340. Aí já era uma casa em que eu morava com os meus pais. Aí os meus pais moravam lá, aí já era uma casa de alvenaria, era uma casa boa. Também pagava aluguel.

V.A.- E aí o senhor se casou e ficou morando nessa casa?

A.C.- Fiquei.

V.A.- E o seu pai fazia o quê, aqui?

A.C.- Meu pai, aqui? Quando veio para aqui era barbeiro.

V.A.- Também barbeiro?

A.C.- Barbeiro também. [riso] Também barbeiro aqui, compreendeu?

V.A.- E o senhor diz que foi barbeiro lá em Minas.

A.C.- Lá em Minas.

I.F.- E era fácil montar uma barbearia aqui?

A.C.- Não, aqui o prédio era um barraco da Siderúrgica. A Siderúrgica tinha interesse, porque como é que o pessoal ia fazer, não é isso? Então tinha um barraco aqui da Siderúrgica e tinha um barbeiro aí. Aliás tinha dois barbeiros, duas barbearias, e o meu pai, quando veio para cá, trabalhou. Depois o outro ia embora não sei para onde e acabou vendendo para ele a barbearia e passou para o nome dele, compreendeu?

I.F.- Tinha incentivo da CSN?

A.C.- Tinha. A Siderúrgica tinha interesse nisso, não é? Problema da higiene do povo também, não é? Isso aí tinha.

V.A.- E o senhor conheceu a sua esposa como?

A.C.- Ela era professora, também veio de Minas.

V.A.- De onde de Minas?

A.C.- De Andrelândia. E o pai dela veio e trabalhava na sala onde eu trabalhava. Só que ele trabalhava... Lá na sala trabalhava gente de diversos departamentos: tinha gente do departamento de contabilidade, que trabalhava fazendo a parte de contabilidade, e tinha o da apropriação, e ele fazia parte do departamento de apropriação.

V.A.- E o senhor nessa época era de qual departamento?

A.C.- Eu era do mesmo departamento de transportes.

V.A.- Mas isso foi antes de o senhor se transferir para dentro da usina.

A.C.- Ah, foi.

V.A.- O senhor conheceu a sua esposa lá?

A.C.- É, lá. Porque ele morava aí, ela ia lá, falar com ele, era perto da rua, da estrada, ela vinha e parava lá. Depois, quando eu mudei para a outra casa lá em cima, eles moravam perto, na rua de baixo. Ela era professora aí em Volta Redonda.

V.A.- Onde que ela era professora?

A.C.- Ela, no começo, foi professora lá para Barra Mansa, na Barbará, depois é que ela veio para um grupo aqui em Volta Redonda.

I.F.- Na usina Barbará?

A.C.- É, ela foi professora lá. Depois veio para cá, mas era professora do estado. Assim que eu fiquei conhecendo. Tem vinte anos que está em cima de uma cama.

V.A.- Ah! O que é que ela tem, foi derrame?

A.C.- Não. Ela foi operada do estômago, tiraram o estômago, compreendeu? E aquilo foi enfraquecendo, enfraquecendo, aí ela ficou praticamente paralítica. Depois fez outra operação, cortaram um pouco do intestino, hoje ela tem a parte de colostomia. É colostomia e é paralítica. A senhora quando saiu dali, lá na frente, tem uma sala grande ali . Naquela hora, devia estar em cima de uma cadeira, porque ela fica em cima da cama e vai para cadeira, e é assim. Aquela cadeira que a senhora viu lá, aquilo é a cadeira de banho.

I.F.- É. Uma luta constante, não é?

A.C.- É. Mas Deus dá tudo certo, porque ela não tem *uma* ferida no corpo, não tem *nada*, a senhora entendeu? E a gente vê uma pessoa ficar na cama o dia inteiro, é cheio de problemas. Graças a Deus não tem.

I.F.- Mas e aí? O senhor saiu do corredor, eu estou interessada nisso. [risos] E tem mais o seguinte: eu soube também que todas as terras, as casas, as propriedades vieram da CSN. Como é que o senhor foi ser corretor de imóveis?

A.C.- Bom, a coisa aí já vai entrar para outra parte. Eu sempre consegui...

I.F.- Porque estava começando a CSN quando o senhor veio trabalhar aqui.

A.C.- Eu sempre consegui fazer amizades. Graças a Deus tenho muitas, compreendeu? E todos acreditavam em mim. Agostinho de Paiva tinha um terreno ali no chamado bairro de Santo Agostinho, eles tinham feito lá um loteamento de 506 lotes. Porque fui presidente do sindicato, muito conhecido em Volta Redonda, graças a Deus conhecido, benquistado, ele quis que eu vendesse o loteamento e me fez uma proposta. Ele me vendia os 506 lotes... Ainda estava só em piquete, nem piquete estava, estava só na planta. Estava aprovado e tudo, mas estava só na planta. Ele me vendia os 506 lotes para eu pagar com a renda da venda e na medida em que fosse vendendo — porque outro não teria condição de fazer. O único que teria condição de fazer o negócio seria eu, por causa

do conhecimento e porque eles acreditavam em mim — o que eu falasse, o pessoal da Siderúrgica, os trabalhadores, acreditavam. Me vendeu, naquela ocasião, por cinco milhões, mas eu não tinha. Naquela ocasião precisava de selar... os documentos eram selados, tinha até aquele selo da educação em cada documento. Eu não tinha dinheiro para o *selo* do contrato! Ficava em quatrocentos e pouco. Eu disse: “Agostinho, eu não tenho dinheiro nem para o selo.” Ele pegou, tirou uma nota de quinhentos, me entregou. “Compra o selo, você faz o contrato e nós assinamos.” Eu comprei 506 lotes, compreendeu? [riso] Em um contrato em que eu não tinha dinheiro para o contrato. Assinou. Bom, como conhecia muita gente lá dentro, arranjei lá um topógrafo... não era topógrafo, é um assistente de topógrafo lá. Ele arranjou com o dr. Isaías Salgado, que era engenheiro da Siderúrgica, um aparelho emprestado, e aos sábados íamos eu e ele para lá. Eu, com a foice, [riso] ele, carregando o aparelho. Eu arranjei uns piquetes e piquetamos. Assim, para receber em lote, porque eu não tinha dinheiro. Fizemos a piquetagem toda assim. Bom. E agora, para abrir as ruas? Mas tinha mais amigos que eu tinha conhecido. O engenheiro Guido Severi, que era italiano, morava em Barra Mansa, e ele tinha uns tratores. Ele ofereceu para fazer para mim a terraplanagem, recebendo também na base que eu fosse vendendo os lotes, que ele era amigo do Agostinho. Então foi para lá o trator, o trator ia abrindo rua e eu ia vendendo os lotes, levando o pessoal de bicicleta. [riso] Porque só podia ir de bicicleta, não tinha...

I.F.- Na periferia da cidade, isso?

A.C.- É o bairro de Santo Agostinho aqui... Não sei se a senhora já foi para Barra do Piraí, por aqui. Logo depois que a senhora passa ali, agora não tem mais, tinha um guarda ali, antigamente tinha guarda ali na federal, na barreira federal...

I.F.- É no limite com Barra Mansa?

A.C.- Não, é aqui antes de passar essa ponte aqui do Paraíba, à esquerda, é o bairro de Santo Agostinho. Hoje tem, ali no final, aquela ilha, ele encosta naquela ilha ali, São João, ali. Quinhentos e tantos lotes, 506 lotes. Eu vendia os lotes sem entrada, a pessoa pagava quinhentos por mês, quer dizer, vendia por 30 mil e a pessoa pagava em cinco anos, não é? — 60 meses, é, 60. Pagava em cinco anos quinhentos por mês. Assim fui vendendo e assim era o dinheiro, tirava 10% para mim. E o resto eu dava a ele como abatimento nos lotes, e assim consegui.

I.F.- E os compradores eram todos funcionários da CSN?

A.C.- Tudo funcionário da Siderúrgica, tudo meu conhecido, está tudo lá, tudo meu conhecido.

V.A.- E o senhor ficou com um lote lá?

A.C.- Não, vendi tudo. E depois, assim, eu comecei a negociar em terra. Bom...

V.A.- Mas isso o senhor já tinha se desligado da companhia.

A.C.- Já. Então...

V.A.- O senhor saiu da companhia...

A.C.- Larguei, abandonei.

V.A.- Abandonou.



A.C.- A companhia, eu abandonei.

V.A.- O senhor vivia, por enquanto, com os 10% dos lotes?

A.C.- É. E assim fui, e comecei a negociar em terra. Veio a fase também da campanha para a emancipação, acabou se emancipando Volta Redonda também, não é isso? Um belo dia chegou o professor Jaime e falou comigo.

V.A.- Quem?

A.C.- Professor Jaime de Sousa Martins. Nós tivemos aqui um — montamos também, deu uma dor de cabeça tremenda — um jornal. Nós tivemos um jornal aqui, *A Defesa*, me deu um processo ainda, [riso] por causa da Barbará... Da Barbará, não: da Saudade — por causa de um artigo lá que nós escrevemos, eles entraram ainda com... Ganhei, mas deu dor de cabeça. Nós compramos uma linotipo da *Última Hora*, trouxemos para Volta Redonda uma linotipo, montamos um jornal em Volta Redonda! [riso] E o professor Jaime veio do Rio, ele trabalhava na *Voz Trabalhista*, no Rio, que era do Paranhos de Oliveira. Esse jornal me deu uma cobertura muito grande aqui em Volta Redonda, [inaudível] não houve assim aquelas coisas aqui, mas eu tinha uma cobertura muito grande. Esse jornal mandava cinco mil jornais para eu distribuir aí, compreendeu? Campanha, tudo se fazia, fazia pelo jornal! Eles é que não sabem muita coisa que aconteceu naquele tempo, fazia-se um movimento diferente. Todas as reivindicações faziam assim, todas as críticas à direção da Siderúrgica eram feitas lá através do jornal. O Paranhos de Oliveira bancava, vamos dizer assim, aquela parte.

V.A.- As pessoas tinham hábito de ler jornal, elas eram alfabetizadas?

A.C.- Nós distribuíamos.

V.A.- Pois é, isso que eu quero saber.

A.C.- Ah, liam, porque distribuía... Tudo que era referente ao sindicato — que vinha muita coisa sobre o sindicato: entrevista, reivindicações, como é que estavam os processos —, essas coisas todas eles tinham interesse, não é? Porque você vê: entrar com uma ação onde 2.800 assinaram, você vê que é uma ação... não é? Todos eles tinham interesse. Então nós distribuíamos aqueles jornais: vinham pelo trem, deixavam aqui os jornais, entregavam ali na estação, e o sindicato, a gente ia para a rua distribuindo os jornais. Então essa campanha, muitos não sabem... Isso também a mim nunca interessou — fazer publicidade, para mim, nunca interessou — tanto que eu estou fazendo isso pela primeira vez. Depois que eu concordei, eu falei: “Gente, para que eu falei que ia fazer isso?”

V.A.- Mas isso já é história... O que o senhor está falando já faz parte da memória de Volta Redonda.

A.C.- Porque aqui pelezaram comigo para dar entrevista para a parte aí deles, eu nunca quis dar entrevista. Falei: “Não.” Uma entrevista aí para a fundação deles eu nunca quis, entendeu minha filha? Nunca interessou. Tanto que essas partes, quando o Sávio morreu, e o comandante morreu, que também era muito meu amigo...

V.A.- Qual comandante?

A.C.- Amaral Peixoto. Também era muito meu amigo.

I.F.- O senhor se filiou ao PSD por causa dele, não é?

A.C.- [riso] É. Muito amigo, compreendeu? A d. Alzirinha... Na última vez em que nós inauguramos uma sede aqui, estava a mulher do Sávio lá no palanque — depois é que ela me falou —, estava o Sávio, o comandante estava lá... E eu nunca fiquei na frente. A d. Alzirinha falou com ela assim: “Eu estou tranqüila porque eu estou vendo o Allan no meio do povo, então eu sei que nós temos segurança.” [riso] Quer dizer, isso me emociona, entendeu? “Eu estou tranqüila porque eu estou vendo o Allan no meio do povo, eu sei que nós temos segurança.” Quer dizer, nunca fui de palanque, dessas coisas, porque não vejo... compreendeu? Eu acho que eu posso servir, eu posso ser útil. Por exemplo: aqui. Isso aqui, no ano passado, nós realizamos 1.130 reuniões, 1.130 reuniões *aqui*. Tudo gravado, tudo no livro, cada pessoa que vem para a reunião, reuniões individuais, a pessoa senta aqui, eu assino, ele assina. Isso não apareceu mais porque tem uma ocasião em que o pessoal falta, não é? — que viaja, essas coisas todas, mas eu venho. Hoje, por que foi hoje que eu pude marcar? Porque hoje eu só vou ter reunião às oito da noite — foi a folga que eles me determinaram: que hoje, segunda-feira, eu não deveria fazer reuniões durante o dia. Porque a reunião eu faço todo dia.

I.F.- Reunião do quê? Não entendi ainda.

A.C.- São reuniões espíritas, de magnetismo, desdobramento e de cura. Às vezes a pessoa tem problemas, então vem conversar. A gente conversa, mostra a ela a parte positiva, a parte negativa.

I.F.- É o senhor com outras pessoas também? O senhor tem companheiros que trabalham com isso também?

A.C.- Não. Nessa parte, não; só eu.

I.F.- Só o senhor.

A.C.- Só.

V.A.- Como o senhor entrou nesse...? O senhor já era ligado a esse tipo de coisa, não?

A.C.- Isso começou lá com meus avós em 1920.

V.A.- [indicando quadro na parede] Esses são seus avós?

A.C.- São meus avós. Em 1920, compreendeu? Uma reunião espírita na casa dos meus avós.

V.A.- Em Sapé de Ubá?

A.C.- Sapé de Ubá. [riso] Sapé de Ubá. Começou em 1920, aí foi seguindo pela família e foi indo.

V.A.- Ah, então o senhor já tem isso de família, não é?

A.C.- Ao nome, não é? Só o nome já vê, não é? Quer dizer, eu tenho setenta e... vou para 76 anos agora, quer dizer, então, a família toda vem assim, não é? Esse grupo que está aqui veio assim seguindo.

V.A.- E aqueles ali são seus pais?

A.C.- É. Meus pais e meus tios.

V.A.- E o senhor teve filhos?

A.C.- Tenho quatro. E uma de criação que faleceu há pouco. Tenho quatro filhos, tenho três filhas e um filho.

I.F.- E todos moram aqui?

A.C.- Todos moram aqui... Duas moram aqui.

V.A.- Trabalharam na CSN?

A.C.- Não. Uma é psicóloga; a outra é advogada, e a outra é casada e tem dois filhos, fica tomando conta dos dois filhos, conseguiu... Um já está no quarto ano de medicina, e ela conseguiu que o outro agora entrasse na faculdade de medicina também. Essa dedica aos filhos... [riso]

I.F.- Faz ela muito bem.

A.C.- Essa dedica, essa é mais velha. Ela fica perto dos filhos, ela acorda... [riso]

I.F.- E o filho faz o quê?

A.C.- O meu filho, esse não quis estudar, não quis se formar, que as outras são formadas, mas esse não quis se formar. Então ele está hoje com uma fábrica de móveis, umas coisas assim lá que está fazendo de móvel, está se dedicando a essa parte de móveis.

I.F.- Mas, então: terminou o loteamento, vendeu, e aí?

A.C.- Bom. Terminei.

I.F.- Não era mais da CSN, não era mais presidente do sindicato...

A.C.- Terminei o loteamento, esse negócio, emancipamos Volta Redonda, que eu estava falando para a senhora, emancipamos Volta Redonda. Ao emancipar Volta Redonda foram criados dois cartórios, mas eu nunca imaginei de ser nomeado para um cartório. Um dia chega o professor Jaime e diz: "O comandante te nomeou." "Nomeou o quê?" "Para o cartório." "Está brincando?" "Nomeou sim, vai sair agora no *Diário Oficial*." Eu fui nomeado, compreendeu, tabelião do 2º Ofício.

I.F.- 2º Ofício é o quê? Porque tem de imóveis, tem de nascimento, de casamento... Eu não entendo nada disso! Como é que é isso?

A.C.- Registro civil é casamento, nascimento e óbitos, não é isso? O cartório, 2º Ofício, tinha a função da escrivania, que é do fórum, é a parte do fórum. Tem o tabelionato e tem os registros. Porque tem o registro de imóvel, tem registro... antigamente tinha registro de comércio, registro de títulos e documentos e assim essa parte. O cartório que eu fui ficou menor, porque foi nomeado o Dalmo Galvão, que era filho de um grande jurista, e ele lá conseguiu que o cartório do 1º Ofício ficasse... Mas eu não estava esperando *nada*, nem sabia o que era! Bom, fui nomeado. Aí fui ver o que era Tinha o registro de comércio — hoje tem a junta comercial, mas antigamente eram feitos nos cartórios.

Nomeado, fui tomar posse; tomei posse, aí foi instalar a comarca. Não preciso dizer: na minha vida acontecem as coisas, depois é que eu começo a ver que fui muito feliz. No dia da... Aí deveria ter sido do primeiro cartório, o escrivão da comarca. Não foi! O juiz me chama lá: “Você que vai ser o escrivão aí da instalação.” Eu falei: “Mas, doutor, não tenho nem...” “Fica quieto, o escrivão é você.” Está bom, o que eu posso fazer? Juiz, não é? Como dizem: um arigó chegando em lugar assim... [riso] Fui para lá, fizeram a instalação, aquela coisa toda, a comarca, e fizemos. Aí depois nós compramos um livro, fizemos a ata, aquela coisa toda, e então assinou-se aquilo tudo. A primeira ata, a ata da instalação da comarca, foi por mim feita. E no mesmo dia o juiz me nomeia escrivão da comarca, que é um trabalho extra, não é? Não ganha nada, é um trabalho extra, é prestação de serviço. Fiquei como escrivão da comarca não sei quantos anos.

Aí veio também a parte de Barra Mansa, o cartório eleitoral: nomeado escrivão eleitoral — mais um cargo sem conhecer as coisas de cartório. Mas tinha lá em Barra Mansa, do cartório que veio para cá, era também o meu irmão de OPA — que era da maçonaria, não é? — o Rates. E eu fui para lá e falei: “Eu preciso da ajuda, não entendo nada disso.” “Ah, isso é fácil, os livros são tais, tais, isso assim, assim, assim...” Aí instalei o cartório e graças a Deus passei 38 anos dentro do cartório, nunca tive *uma* dor de cabeça no cartório. Mas nunca tive *um* problema em cartório. Meu colega tinha lá de vez em quando inquérito, aquela coisa sobre ele, eu nunca tive. Todos os juízes foram meus amigos e ainda são meus amigos — os que estão vivos. Tem lá até o que é corregedor, hoje é o vice-presidente do tribunal, dr. Sartóri, continua meu amigo; dr. Ulisses também, desembargador, continua... Quer dizer, passei dentro do cartório feliz da vida, funcionei 38 anos. Não precisava me aposentar, me aposentei. O rapaz perguntou: “Mas, seu Allan, o senhor vai se aposentar? O senhor perde a posição.” Eu falei: “Às vezes a gente desce para subir.”

V.A.- O senhor se aposentou com quantos anos?

A.C.- Eu me aposentei com 68 anos, compreendeu? Eu falei: “Às vezes a gente desce para subir, eu não me agarro em posto.” O Sávio às vezes ficava aborrecido porque ele queria que eu sentasse nos banquetes. “Sávio, eu não gosto de banquete.” [riso] Nas reuniões do partido tinha os dias das minhas reuniões aqui, a reunião do partido era no dia da minha reunião, eu não ia. “Não, mas você tem que ir.”

#### [FINAL DA FITA 3-A]

A.C.- Para que eu pudesse comparecer. Tudo isto que eu estou dizendo à senhora são coisas que aconteceram na minha vida. Estou contando isso, que eu nunca essas coisas. [riso]. Estou falando isso hoje, porque no outro eu não fiz.

I.F.- É. Mas é bom lembrar, isso é história do Brasil.

A.C.- A senhora entendeu? Então, essa coisa aconteceu. O Sávio... No segundo período, em que estavam estas intervenções em Volta Redonda, na Siderúrgica, não é, estava aquele problema lá, os militares queriam tirar o Sávio, queriam fazer o *impeachment* do Sávio. Eu estava no cartório e o

Sávio mandou me chamar. Cheguei, estava o professor Jaime, estavam os outros na sala. “Allan, estou recebendo aqui uma notícia, que o Mário, o presidente da Câmara, está falando que hoje eles vão... que o BIB pediu para fazer o *impeachment* meu.”

V.A.- Quem pediu?

A.C.- O BIB. o batalhão de Barra Mansa. Que o... — acho que era coronel... está me faltando agora, depois... “O comandante do BIB pediu para a Câmara fazer o meu *impeachment*.” Estavam todos assim apavorados, os secretários dele todos. “O que você acha?” Eu falei: “Sávio, você não vai sair daqui como um covarde, você vai sair como homem. Pega essa chave e você vai entregar a ele lá. Se é o que ele quer, toma a chave. Não deixa fazer isso contigo, não. Mas quem falou isso?” “Ah, foi o fulano lá.” “Chama ele lá e pergunta a ele aqui, na nossa presença, se o Fernando Mário Neto, que é o presidente da Câmara, falou isso.” Ele chamou o Góis, veio o Góis. “Ô, Góis, como é que foi o negócio que o Fernando falou para você?” E o Góis repetindo: “Ah, ele falou que hoje o BIB pediu, o coronel lá pediu para fazer o *impeachment* seu, que eles vão pôr aqui um interventor.” “E o outro?” “Ah, o outro é Jair.” “Manda chamar o Jair.” Chamou o Jair. Tudo é funcionário da prefeitura. Chamou o Jair: “Jair, como é que foi?” O Jair tornou a confirmar. Eu falei: “Sávio, sou testemunha do que eles falaram, eles não vão poder negar mais. Põem esses dois dentro do carro, pega a chave e vai lá entregar a chave ao coronel, e diz a ele o que aconteceu. E se ele está pedindo, não precisa pedir, você entrega a chave. É uma peça simbólica, você não vai sair daqui como expulso, não.” O Sávio olhou e disse: “É, está certo.” Aí o Sávio chamou os dois. Quando falou com os dois que ia para o BIB os dois ficaram amarelos. Mas o que é que há? Nós tínhamos ouvido eles falarem. Não tinha jeito de eles negarem. Sávio foi para lá e nós ficamos esperando. Sávio foi lá, pediu para falar com o coronel, falou com o coronel. Quando falou com o coronel ele perguntou: “Eu mandei? Eu não mandei coisa nenhuma. Quem te falou isso?” Aí chamou os dois. Os dois confirmaram que o Fernando tinha chamado. Ele chamou um coronel que ainda está até hoje aí — no outro dia mesmo encontrei com ele ali. Ele falou: “Vai lá, busca o Fernando e traga ele aqui agora.”

V.A.- O presidente da Câmara.

A.C.- O presidente da Câmara. Ele mandava, não é? [riso] “Busca lá.” Daí a pouco chegou lá o Fernando Mário Neto. “Ô, seu Fernando, eu te falei isso, isso, assim, assim e assim?” “Não senhor!” “Aqui tem dois senhores, o senhor falou com eles que *eu* mandei, não mandei coisa nenhuma. O senhor volta para lá e acaba com isso, porque o Sávio não sai de lá de jeito nenhum! É meu amigo!” O Sávio não era amigo dele nada. “É meu amigo, não sai de lá coisa nenhuma. Vai lá e acaba com isso senão quem sai é o senhor. Pode levar ele de volta.” [risos] Veio o Fernando aqui e falou com o Sávio: “Olha, pode ir embora que não tem problema nenhum.” Daí a pouco chega lá o Sávio, feliz da vida. Ria! Falou: “Olha, Fernando está em um aperto, porque aconteceu isso, isso e isso. O coronel me disse isso, isso e isso.” Aí daí a pouco estava o Fernando reunindo a Câmara para aprovar o Sávio... [riso]

I.F.- Agora, me conte uma coisa. O senhor abandonou a CSN e não teve que assinar um documento se afastando?

A.C.- Não, não precisava. Quando abandona a coisa... O que eles podem é publicar um ato que a senhora abandonou, o abandono de emprego.

I.F.- O senhor não ficou com aposentadoria, com nada de lá?

A.C.- Não. De lá, não.

I.F.- Nada, nada?

A.C.- Não.

I.F.- Afastou-se e pronto.

A.C.- Do INPS eu não tenho nada, não tenho ligação com o INPS. Eu tenho a minha aposentadoria do estado, que eu trabalhei 38 anos. Trabalhador no estado se aposenta com 35, eu trabalhei 38, compreendeu?

V.A.- Então o senhor trabalhou na CSN quantos anos? O senhor entrou em 42...

A.C.- Eu fiquei na Siderúrgica dez anos. Trabalhei na Siderúrgica dez anos, passei um período no sindicato, dois anos, não é isso? Até 51. Aliás, até 54.

V.A.- 1954...

A.C.- 1954... Aliás, tomei posse, a inauguração foi no dia... acho que foi dia 21 de abril de 1955.

V.A.- Inauguração do quê?

A.C.- Da instalação da comarca de Volta Redonda.

V.A.- E o senhor tomou posse no cartório?

A.C.- É.

V.A.- Em 55?

A.C.- Dia 21 de abril.

I.F.- E nessa função o senhor poderia continuar ainda no sindicato dos metalúrgicos?

A.C.- Não.

I.F.- Aí se afastou?

A.C.- Me afastei. Mas no sindicato eu tinha recebido — também não busquei — é... sócio benemérito pelos trabalhos prestados ao sindicato. A assembleia deu como sócio benemérito por serviços prestados, mas isto também nunca busquei.

V.A.- E a morte do Getúlio Vargas, como foi aqui a repercussão em Volta Redonda?

A.C.- A morte do Getúlio Vargas? Eu lotei acho que quatro ou cinco ônibus e fui visitar o corpo do Getúlio Vargas lá. Fui para lá visitar o corpo do Getúlio Vargas. Entrei naquela fila, pus o meu pessoal, levei acho que trezentas e tantas pessoas, compreendeu? Cinco ou dez ônibus, não sei, sei que levei trezentas e tantas pessoas para lá, para fazer a visita ao corpo do Getúlio Vargas. Aquela fila, aquilo lá, nós entramos lá, fizemos aquela volta toda. Nós fomos visitar.

I.F.- Porque não é a toa que a usina chama Getúlio Vargas. Ele teve um papel muito importante...

A.C.- Ah, é, uai! Foi com ele, não há dúvida; tudo foi feito por ele. Se não fosse aquela... Foi em Recife? Que ele esteve com o presidente...?

I.F.- Natal.

A.C.- Natal, não é? Ah, foi...

I.F.- Esteve com o Roosevelt.

A.C.- É, com o presidente Roosevelt, que fizeram o acordo para eles poderem usar a base lá, mas fornecendo o material para construção da Siderúrgica, que veio em navios, escoltados naquele tempo... E veio para cá essa parte.

I.F.- Agora, eu vi que o senhor não é um grande admirador do coronel Raulino. O que o senhor poderia dizer sobre o general Edmundo Macedo Soares?

A.C.- Com o general Macedo Soares eu não tive muito contato, a senhora entendeu? Porque quando ele estava aqui em Volta Redonda, é como eu disse à senhora, eu estava em um lugar que não tinha muito acesso a nada. Eu só tinha trabalho.

I.F.- Mas o senhor sabe a história de Volta Redonda...

A.C.- Sei, sei. O coronel... Não é que eu não seja muito fã do general Raulino, o que eu digo do general Raulino é o seguinte: é que, naquele tempo de ditadura, os militares não tomava muito conhecimento do trabalhador, não é verdade? Quer dizer, não era muito coisa... Eu assisti a uma assembléia do sindicato onde o general estava presente e achei até interessante nessa ocasião, uma coisa que eu recordo — foi ali na Vila, tinha um cinema... Ali tem aquele cinema lá, hoje é uma escola, um negócio qualquer de madeira. Ali era o cinema que tinha em Volta Redonda; o primeiro cinema que tinha em Volta Redonda era ali na Vila, não é isso? E foi feita uma assembléia do sindicato, o Frizzas era o presidente e o general estava lá, sentado.

I.F.- Qual general? Raulino?

A.C.- Não, o general Edmundo. Edmundo estava sentado lá naquela... E os comunistas começaram a agitar cá em baixo; eles estavam sentados cá em baixo, começaram agitar. Tinha um que se chamava Marujo, era um nortista, e ele... Achei interessante a diplomacia do presidente lá: convidou-o para sentar à mesa.

V.A.- Quem convidou?

A.C.- O presidente do sindicato...

V.A.- O Antônio Frizzas?

A.C.- É, convidou o outro a fazer parte da mesa.

V.A.- O Marujo?

A.C.- Marujo. Sentou lá. Os de cá começaram a fazer aquela coisa que ele estava fazendo, ele levantou e disse: “É preciso respeitar a mesa! Vocês não estão respeitando.” Mas passou uma moral nos lá de baixo, eu falei: “Gente, o homem foi maravilhoso colocando o outro lá. Ele aí se sentiu humilhado, estavam perturbando a mesa.” Acabou os comunistas lá de baixo falando e ele, que estava fazendo a agitação... Quer dizer, é aquele negócio: quer ver um vilão dê-lhe um chicote na mão. [riso] Ele foi lá para cima, modificou, por completo, lá em baixo. Então ele estava lá, o general estava lá. Quer dizer, eu o vi duas vezes. Uma, nessa assembléia em frente ao sindicato, onde houve um momento — nessa, o Frizzas conseguiu um aumento de salário; e essa outra lá.

V.A.- Onde?

A.C.- Nessa que eu estou falando, no cinema lá. São duas vezes que eu o vi.

V.A.- Nós lemos a respeito de uma recepção que houve no Hotel Bela Vista com o presidente Juscelino Kubitschek e o Nixon, dos Estados Unidos, em 1956, e que o futuro presidente do sindicato, Othon...

A.C.- Reis Fernandes.

V.A.- ...teria levantado e teria dito que o Macedo Soares era homem da UDN... O senhor tomou conhecimento disso? Não?

A.C.- Foi nessa ocasião que o Othon pertencia ao DPE, compreendeu? O Othon fazia parte do DPE, departamento de pessoal. Houve lá essa coisa, ele foi destituído e foi mandado para a usina. Nessa ocasião ele foi mandado para a usina. Eu não sei... eu sei que houve lá um atrito, não sei qual o atrito.

V.A.- Lá no Hotel Bela Vista?

A.C.- Lá, eu soube. Eu não sei o atrito que houve; eu sei que, nessa ocasião, ele foi tirado lá do lugar em que ele estava e mandado para a usina. Esta é a parte...

V.A.- E essa gestão do Othon é um pouco assim debatida no sindicato, não é? Havia o Banco Popular...

A.C.- Minha filha, essas coisas... Tem a filha dele, eu gosto muito dela... Compreendeu? São coisas que... O que é negativo...

I.F.- Agora, no tempo do senhor presidente do sindicato, o senhor conseguiu muita coisa mas sem greves, ações violentas, sem lutas... Como é que o senhor viu essas reivindicações da década de 80?

A.C.- Eu olho as coisas... No meu entender as reivindicações devem ser justas. Se não é justa, não constrói. Eu penso assim até hoje. Hoje eu ainda estava lendo uma parte ali da Bíblia, achei até interessante, falando – isso lá no Velho Testamento – sobre os ricos, a distribuição que deve ser feita para que haja uma igualdade em assistência, essas coisas. Achei interessante, falei: “Gente! Isso na Bíblia! Lá, há mais de três mil anos atrás se falava nisto: aquele que tivesse mais produção devia ajudar aquele que não tivesse para alimentar.” Gente! Como pode? Ainda gravei, marquei ali no lugar para depois eu lembrar isso. Porque eu sempre pensei na parte social, que deve haver equilíbrio, compreendeu? Não deve haver fome, não deve haver miséria. Sempre pensei nisso. Isso



é que me leva a determinadas atitudes que já fiz — hoje procuro não fazer mais, procuro não fazer mais. O comandante uma ocasião veio assistir aqui em Volta Redonda a uma eleição nossa aqui do diretório. Quando ele saiu daqui, falou com o Sávio: “Olha, leva o grupo para fazer, arrumar a do Rio.” Nós fomos convidados para ir fazer a organização da convenção lá do Rio. Depois, quando o Juscelino foi candidato, fomos convidados para ir fazer [inaudível] do Juscelino lá no palácio Tiradentes. Quer dizer, nós tivemos, graças a Deus, essas coisas assim. Sempre sem fazer alarde, sem fazer coisa nenhuma. Porque nós somos da tranquilidade. O que tem direito, tem direito; o que não tem direito, não tem direito. Isso eu digo para os meus filhos: “Se vocês não tiverem direito, eu fico do outro lado.” Uma ocasião dentro do cartório ele encrencou lá com uma moça, eu falei: “Olha, entre ela e você vai você para a rua, você não tem razão. Não basta ser meu filho, não. Tem direito, tem. Não tem direito, não tem.”

I.F.- Agora, o senhor, pelo que eu vi, era PSD mesmo, não é? Fala no comandante? No Juscelino...

A.C.- Ah, é. O comandante...

I.F.- Nunca foi PTB. Embora fosse admirador de Getúlio nunca foi do PTB?

A.C.- Não. Pois eu estou dizendo: eles não me aceitaram! Como é que eu podia ser? [riso] Como é que eu podia ser se não me aceitaram?

I.F.- Pois é. O senhor gostaria de ter sido, ou o senhor gostou de ser do PSD?

A.C.- Olha, pelo grupo que estava dentro do PSD, valeu a pena, porque o grupo que estava no PTB, *não*, apesar dos meus amigos também estarem lá dentro — por exemplo o Paranhos de Oliveira, não é, que é PTB.

I.F.- E como o senhor vê a atuação do PT e da CUT em relação ao sindicato dos trabalhadores?

A.C.- Eu acho muita violência, eu acho que deveriam buscar mais a lei, mais o direito, não é? Eu acho que em tudo deve-se buscar a lei. Eu acho que a Consolidação nossa é maravilhosa, apesar que já mudaram muito. Mas a Consolidação é maravilhosa, eu não vi isso lá no estrangeiro, não vi esses direitos no estrangeiro. A nossa Consolidação no estrangeiro estava avançada, muito à frente do que eu vi lá. A senhora entendeu? Estou mostrando à senhora: entrar em uma mina a setecentos... Essa era a das mais, vamos dizer, flutuantes, com menos profundidade. Tinha lá eu acho que mil e tantos... Compreendeu? Eu entrei a 720 metros. Tinha lugar em que a senhora andava de quatro. Aquilo escorado com pau, aquelas águas pingando assim, aquela escuridão, a senhora com aquela lanterninha, compreendeu? A senhora via aquelas fagulhas de carvão passando assim. Quando saí de lá isso aqui estava tudo escuro. Fiquei com olheira durante uns cinco ou seis dias.[riso] Porque aquilo foi entrando, não saía; uns cinco ou seis dias fiquei com aquelas olheiras.

V.A.- Agora, a girafa. O senhor pode explicar um pouco para a gente como foi esse processo...? O senhor se lembra quando os funcionários começaram a receber a girafa? Foi quando o senhor ainda era funcionário, ou depois?

A.C.- Não. Eu não cheguei a receber girafa, não. A girafa foi depois, a girafa foi depois.

V.A.- Porque nós temos aqui uns livros que dizem que foi ainda em 47...

A.C.- Eu não recebi girafa, não. Eu não lembro assim muito, tem coisa assim que, às vezes... não é? Eu não posso lhe garantir.

V.A.- Por que chama esse nome — girafa?

A.C.- Girafa é porque é coisa extra, então tem o pescoço comprido como a girafa. [riso] Então é algo que está vindo em excesso, fora do normal, vamos dizer assim. Foi por isso que ficou girafa, não é? Fora do normal, fora do corpo.

I.F.- Fazendo um balanço da sua vida, por mais dificuldades que o senhor tenha tido, por mais problemas que o senhor tenha tido, luta do sindicato com a empresa, a CSN teve um papel importante no seu começo de vida, não teve? Até para lhe abrir os horizontes.

A.C.- Teve, ué. Estou dizendo à senhora que foi... Eu saí de lá ganhando 60 e vim para cá ganhando 240, quer dizer, há diferença...

I.F.- Abriu o seu mundo também, viu determinadas coisas?

A.C.- Sim, não há dúvida. Eu estou dizendo à senhora que sou muito ligado àquilo ali. Até hoje eu sou ligado àquilo ali, não é? Eu admiro, porque eu acho que é uma construção maravilhosa. Eu não sou contra, não, pelo contrário, acho que...

I.F.- O senhor tem a maior admiração e lutou muito por ela.

A.C.- Muito, ué.

I.F.- Até o seu trabalho no sindicato...

A.C.- Tudo. A senhora vê que eu não procurei derrubar, destruir nada; pelo contrário, proteger. Nunca falei em quebrar, fazer nada, não. Acho que é um patrimônio.

I.F.- As reivindicações a que o funcionário tem direito, só.

A.C.- Aquilo que nós tínhamos direito de acordo com a Consolidação. Nada além da lei! Eu sou pela lei, a senhora entendeu? A lei deve ser obedecida, eu acho que a lei tem que ser obedecida; eu sempre defendi a lei, por isso fiz amizades em todos os lugares. A senhora vê: o general Mário Gomes se tornou meu amigo; o outro diretor, meu amigo. Quer dizer, passei pela Siderúrgica fazendo amigos, com os diretores...

V.A.- Agora, por que colocaram o senhor no corredor, como o senhor disse?

A.C.- Toda pessoa do sindicato, compreendeu? Toda pessoa do sindicato é considerada... Há determinadas coisas, minha filha, que a gente não conta, porque não vai aborrecer outras pessoas que estão vivas. Você não quer atacar, agredir ninguém. Então é coisa que a gente esquece, você entendeu? É a mesma coisa quando se fala na emancipação de Volta Redonda. A gente fala até um certo ponto. Outras, a realidade mesmo não é bem a que está no livro, não.

V.A.- Mas se o senhor não contar e outras pessoas não contarem, essa realidade vai se perder.

A.C.- Não importa, minha filha. A gente busca o que constrói, o que não constrói a gente esquece. A gente lembra da mulher de Ló, não é? Em que eles disseram: “Saia da cidade, não olhe para trás.” Mas ela olhou para trás e virou estátua de sal. Por quê? Porque ficou presa ao passado. Quer dizer, a gente tem de olhar para a frente, o que vai construir, o que pode construir. O que não vai construir não serve. Esse é o meu lema, você entendeu? O que pode construir, vamos; o que não vai construir, não vamos. É o que eu digo a eles: aqui ninguém deve dizer “isso eu não consigo, isso eu não posso”. Aqui nós não aceitamos a palavra “isso eu não consigo, isso eu não posso”. “*Ainda não consegui*” — é o *ainda* que nós colocamos; “*ainda não pude*”, “*ainda não coisa*”. Porque você está passando algo afirmativo: pode fazer — “*ainda eu não consegui*”. Agora, “eu não consigo”, ele já deu um negativo; nós somos pelo positivo. Então todos que passam aqui, que vêm aqui com problemas, de negativo, nós vamos passando ele para o positivo. As pessoas às vezes entram aqui chorando, lamentando. Com a conversa... Às vezes tem conversa de quatro horas e meia aqui. Já teve uma médica aqui que ficou cinco horas e meia aqui conversando comigo. Quando ela saiu daqui, ela saiu sorrindo, entendeu? Quando ela saiu daqui, saiu sorrindo. Ontem. Ontem uma professora veio de Bananal e, quando ela saiu daqui, saiu sorrindo. Mas se você ouvir o que a mentora dela, através dela, passou para ela, a lição é uma beleza. É uma maravilha, você entendeu? A gente faz uma parte e eles lá em cima fazem a outra, porque ela é uma médium e desdobra com uma facilidade. Não sei se você já tomou conhecimento de a pessoa desdobrar, sair do corpo e transmitir o que está recebendo. É algo maravilhoso, maravilhoso. Ontem esteve aqui uma médica sentada ali também, teve essa professora, e todos desdobram. São coisas que a gente faz. Hoje eu estou fazendo *outro* trabalho. Outro trabalho com que eu tenho prazer, eu sinto o prazer que a pessoa sai daqui bem. Foi quarta-feira, vieram duas psicólogas do Rio. Achei interessante, vieram duas psicólogas do Rio parar aqui. Então são trabalhos que nós fazemos, não tem propaganda, não tem nada. Aqui você vê: poucas cadeiras, não sentam todos aqui, são poucos os que sentam. O trabalho é feito individual. Então nós nos realizamos em ser úteis, senão não temos... Lá na Bíblia tem uma parte do Paulo que ele diz assim: “*Ai de mim se não fizer. Ai de mim.*” [riso] Então a vida nossa é esta, viu minha filha? Então a gente, se for falar na emancipação de Volta Redonda, muita coisa não é aquilo que está lá.

I.F.- Muita luta política, não é?

A.C.- Não.

I.F.- Dinheiro mesmo?

A.C.- Muita desonestidade. Muita coisa. Então a gente não pode, porque não interessa. Vai machucar. Por que machucar, não é verdade? Por que machucar? Não há interesse em machucar ninguém. Então muita coisa no sindicato a gente não conta, viu minha filha. As coisas que vieram a mim e eu disse não, a gente não fala.

I.F.- Tem mais alguma coisa, Verena?

V.A.- Não.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.C.- [gravando simultaneamente em vídeo] Então, para o Brasil, o presidente Vargas trouxe algo maravilhoso. Eu me emociono.

I.F.- E o senhor pegou uma época de mudança de Brasil. O senhor saiu lá de Minas, viu o Brasil rural em Minas, e veio ver uma experiência nova de uma indústria grande.

A.C.- Sim. maravilhosa.

I.F.- E o senhor, que já tinha uma noção de patriotismo — tanto que quis se alistar para ir lutar — isso aqui, então, deve ter sido muito gratificante para o senhor.

A.C.- Sim. E ver a primeira corrida do aço!

I.F.- O senhor estava aqui?

A.C.- Estava, estava lá. Foi quando a d. Alcina... que usou aquela parte para a primeira corrida do alto-forno — foi pela d. Alcina. Eu estava presente

I.F.- E o senhor, que foi líder sindical, como é que o senhor vê, por exemplo, hoje em dia, o ABC paulista com essa indústria de automóvel, tudo isso em função da CSN?

A.C.- Sem a CSN não chegaríamos onde chegamos, porque depende da siderúrgica. Ela que deu, vamos dizer, um impulso a toda siderurgia que continua agora e vai continuar pelo Brasil.

I.F.- Está ótimo. Muito obrigada.

V.A.- Está ótimo.

A.C. Mas eu me emociono demais, viu?

I.F.- Mas isso é bom. Triste é quem não se emociona, sabe?

A.C.- Mas a senhora quer ver? Eu vou mostrar uma coisa à senhora para a senhora ver... Conta o que aconteceu, uma lição que a moça recebeu, a tal que eu falei para a senhora que veio lá de Bananal. Para a senhora ter uma idéia, um negócio de cinco minutos mais ou menos...<sup>1</sup>

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>1</sup> O entrevistado mostra uma gravação que fez em seu centro de espiritismo.